

PREÂMBULO

FRATERNIDADE SOCIAL

Eis que a alma humana acha-se, de há muito, exposta a graves perigos. Muitas são as forças adversas – oriundas de impérios passados – gerando conflitos, inquietações e desarmonia social. Elas se manifestam principalmente na perda do sentido humanitário, negando o espírito divino em cada próximo. Daí manifestações como o mercantilização, militarização, opressão. Em expressões mais sutis: ironia, sarcasmo, insultos, injúrias, intolerância e em seu sentido mais perverso e agudo: a tortura, o pânico, ódio, chacinas, o divisionismo (dividir de forma manifesta para governar, se impor arbitrariamente).

São forças ditas arimônicas que pregam o patriotismo cego o nacionalismo irrestrito, o poder cínico das elites, a submissão de massas ante o capital espoliador, a mentira exacerbada, a tirania do poder. Assim como romanos e astecas (Taotl) se alimentavam de guerras e sacrifícios físicos, as forças arimônicas se reincorporaram, nutrindo-se da degradação psicológica, da destruição da individualidade (sacrifício da alma e do espírito), da violência explícita contra o homem e o meio ambiente. Forças deletéricas que se acham, não só no campo político, militar, econômico, mas também no religioso, nos que estimulam intolerância, fanatismo, nos que se proclamam “donos da verdade”, ainda que amparados em livros sagrados ou em requintes faustosos. Reminiscências sinistras, segundo espiritualistas, do milenar império da Atlântida, com repercussões nos impérios sanguíneos de Roma e Astecas, ao lado dos hunos, mongóis e árabes no oriente, desdobrando-se até os dias atuais em selvagens conflitos, envolvendo novos impérios do oriente e do ocidente.

Felizmente, há forças que se contrapõem à barbárie, à prepotência de grupos predadores, ao individualismo nefasto, mediante a prática da solidariedade, da cooperação, da mutualidade, da oração contrita, do labor sacrificial. A busca pela felicidade social, do bem-estar coletivo, da inclusão social, praticando-se os valores maiores da fraternidade, liberdade e igualdade. Muitos são os organismos que se dedicam a exaltar o humanismo, a prover condições de intercooperação entre pessoas e coletividades.

“A trimemoração social está além do capitalismo e além do socialismo. Ocupa-se com as questões sociais, mas não depende do coletivismo igualitário. Ocupa-se com a liberdade do indivíduo, a livre iniciativa, mas preserva a fraternidade” (Rudolf Steiner). Em síntese: fraternidade social na vida econômica, liberdade espiritual na vida cultural, igualdade democrática na vida político-jurídica. A solidariedade/fraternidade para a satisfação das necessidades humanas, a liberdade permeando toda criatividade – social, artística, científica, intelectual; igualdade nas relações humanas (seres iguais em direitos e deveres).

O Censo em São Tiago

Há 152 anos ocorreu no Brasil o primeiro recenseamento populacional da sua História. Na época, o país somava 9,9 milhões de habitantes divididos entre pessoas livres e escravizadas. O Censo da época, porém, não se restringiu a dados gerais e revelou pormenores, também, da Paróquia de São Tiago.

Pág. 4

Dona Nilda Reis Mata

Por falar em Censo, há algo importante a se considerar: por mais detalhado que seja, recenseamento algum será suficiente para deixar registradas e representadas as personalidades especiais de cada comunidade. Em São Tiago, Dona Nilda é uma delas, residindo numa “casa que parece feita de chocolate, doce - como sua moradora que sempre viveu distribuindo doçuras

Pág. 7

A garrafa de vinho

“Você já parou para se perguntar o porquê de uma garrafa de vinho ter 750ml e não 1 litro “redondo”? Pois é. Quando paramos para refletir sobre essa questão, podemos conjecturar muitas hipóteses. (...) Muitos aventam a possibilidade de que os 750ml tenham nascido da capacidade pulmonar dos sopradores de vidro”.

Pág. 12



ADIVINHAS

1. Quanto mais houver de mim, menos você verá. Quem sou eu?
2. Sou cheia de buracos, mas ainda assim consigo reter muita água. Quem sou eu?
3. Ponha os dedos nos meus olhos que eu abrirei as minhas potentes mandíbulas. E vou devorar tudo o que vier pela frente: roupas, penas, papéis. Quem sou eu?

Respostas: 1- A escurecida; 2- A esponja; 3- Uma tesoura

Provérbios e Adágios

- É onde a porca torce o rabo.
- Estar na casa do sem jeito.
- Estar em cima da carne-seca.
- Estar no mato sem cachorro.
- Estar entregue às moscas.
- Estar com nó na garganta.
- Estar com a pulga atrás da orelha.

Para refletir

• “Tudo se encadeia, tudo se prolonga, tudo se continua no mundo; e o melhor, senão o único meio de aproveitar o presente e preparar o futuro ainda é honrar, respeitar o passado.”

Olavo Bilac – Discurso no Palace Theatro do Rio de Janeiro – 03/10/2022.

EXPEDIENTE

QUEM SOMOS:

O boletim é uma iniciativa independente, voluntária, necessitando de apoio de todos os São-Tiaguenses, amigos de São Tiago e todas as pessoas comprometidas com o processo e desenvolvimento de nossa região. Contribua conosco, pois somos a soma de todos os esforços e estamos contando com o seu.

Comissão/Redação: Adriana de Paula Sampaio Martins, Elisa Cibele Coelho, João Pinto de Oliveira, Paulo Melo.

Coordenação: Ana Clara de Paula

Colaboração: Instituto hist. Geográfico de São Tiago.

Apoio: Davy Antonio Silva Reis

Revisão: Fábio Antonio Caputo e Sandra Regina Almeida Caputo

Jornalista Responsável:

Marcus Santiago – MTB 19.262/MG

E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

Realização:



Apoio:



PRECONCEITO

O preconceito é uma opinião prévia, um julgamento apressado e, em si, pernicioso que se faz das pessoas antes de conhecê-las, ou seja, sem um exame crítico racional. Eis aí uma das maiores causas da violência social. Daí à intolerância, ao racismo, passando-se a julgar superior a outras pessoas, devido elementos externos, experiências do próprio meio, alimentadas por subjetivismos, pelo inconsciente individual – cor da pele, tipo de cabelo, vestuário, gestos (linguagem corporal) etc.

Muitos – e infelizmente – são os segmentos vítimas da violência e da discriminação: negros, indígenas, idosos, transsexuais, mulheres, pobres, deficientes físicos e mentais, refugiados, crianças (veja-se o caso de bullying e cyberbullying, comuns nos dias atuais).

A discriminação busca tratar os outros como inferiores, refletindo a incapacidade ou tolice por não saber conviver com diferenças – cor, etnia, crença, faixa etária e afins – num mundo marcado essencialmente pela diversidade, pluralidade, multiculturalidade. O preconceituoso, o discriminador são, no fundo, pessoas inseguras, vulneráveis, frágeis que estimulam a desconfiança, a competição, quando deveríamos todos construir uma sociedade mais igualitária, mais equânime, com mais justiça, democracia, solidariedade através do exercício e interlocução da arte, filosofia, ciência, cultura, lazer, educação, espiritualidade em níveis os mais elevados.

Vivemos numa sociedade com diversificação de hábitos, ideias, crenças, valores, sendo imprescindível o respeito ao outro, uma convivência sadia que valorize a paz, a cooperação, o desenvolvimento coletivo. Devemos ter cuidado com manifestações e sentimentos preconceituosos, discriminatórios, intolerantes, quaisquer juízos negativos que envolvam raças, etnias, crenças, religiões, idade, gênero, opção sexual, portadores de doenças, porquanto são lesivos aos direitos humanos, constitucionais, espirituais, contrariando frontalmente a lei cristã do “Amor incondicional ao próximo”.

O racismo é crime previsto pela Lei 7716/89

Tipos de preconceitos:

- Homofobia
- Machismo
- Misoginia
- Xenofobia / Etnocentrismo
- Preconceito linguístico (ex. contra pessoas do meio rural, tidos como “caipira”, por utilizar dialeto, por vezes uma linguagem “apurada”, do século XVIII).
- Filiação (não há diferença legal entre filhos biológicos, adotados, adulterinos, socioafetivos, homoafetivos etc.).

AO PÉ DA FOGUEIRA SÃO LOLANDO

Madrugada fria de agosto, a velhusca camionete em alta velocidade, após chocar-se com uma tora de madeira - lançada pelo vento sobre o leito da sofrida, porosa estrada - girou, cambaleou, lançando cargas e passageiros ao chão. Latões de leite, sacarias de rações, ferramentas, badulaques, pessoas, tudo o que estava na velha carroceria, eis espalhados pelo caminho. Passado o susto, passageiros reunidos e de pé, alguns com escoriações, deram pela falta de São Lolando, o chefe da família, que tinha por hábito, viajar "de fora", junto às cargas, "para melhor servir o ar da manhã", justificava-se.

Sobressaltados, põem-se todos à sua procura, encontrando-o, de bruços, numa valeta, à beira da esburacada estrada. Respirava com algum esgar, atordoado, cortes pelo corpo; dali carregado, levado ao hospital, por onde permaneceria alguns dias. São Lolando, que tinha já um comportamento excêntrico, a partir do acidente não recobriria bem a acuidade física e mental. Sempre tivera, é bem verdade, uma conduta atípica, espalhafatosa, destrambelhado, conversando alto, altercando-se por qualquer motivo em reuniões públicas, rodas de família, nas assembleias de sindicato e cooperativas, com funcionários de bancos e de repartições governamentais, onde quer que pusesse os pés. Questionador, mal humorado, era sua marca registrada.

Como se valia frequentemente de empréstimos bancários, era presença habitual nas agências da localidade, sempre falando alto, discordando de juros, de prazos, fazendo-se de desentendido, quando não protagonista de algumas atitudes doidivas. Vivía trocando promissórias, dívidas roladas por anos, utilizando-se dos recursos de custeios agrícolas oficiais e de pronafes da vida que fazem a festa de muitos especuladores. Uma trabalhadeira daquelas sua presença no decorrer do expediente bancário, por mais contasse com a benevolência do gerente e funcionários. Dava-se a estranhas ações, na verdade surtos forjados, rasgando papéis acaso encontrados ou expostos na mesa do gerente ou balcões; virava documentos e revirava folhas à mesa e de forma desairosa, indiscreta comentava sobre a vida de nomes ali eventualmente observados. Assim, sua chegada à agência implicava na retirada imediata, incondicional de toda a papelada, pois se ali permanecesse, seria incontinentemente manuseada e investigada por aquele cliente irascível, provavelmente um dos prepostos do Santo Ofício em nossos dias.

Numa das estadias anteriores na agência, antes do acidente, o gerente - decerto avaliando as condições mentais e mesmo financeiras do cliente - propôs-lhe um seguro pessoal reforçado, conjugado ao seguro prestamista obrigatório, como cobertura para eventuais sinistros. São Lolando recusara peremptoriamente, nada conseguindo convencê-lo da necessidade securitária. "Océ tá me achando com cara de quê? Que não consigo pagar essa merreca"... esbravejou com o gerente. Um dos filhos ali presente, acompanhante do fazendeiro, de soslaio, piscou para o gerente, endossando

a contratação do seguro especial, realizado "na marra", a contragosto do complicado beneficiário.

Após a alta hospitalar, recuperado parcialmente dos estragos do acidente, a família decide, mesmo contra a férrea vontade do velho, requerer perícia médica, objetivando "encostar" São Lolando. Perícia marcada, o paciente ali promove das suas, dá seu espetáculo, tão logo chega à clínica. Grita pelos corredores, chuta cadeiras, e adentrando o consultório, atira papéis ao chão, não diz coisa com coisa ao ser interrogado pelo médico perito, enfim faz-se de doido varrido. O filho acompanhante é que consegue fornecer maiores dados requeridos. Conseguiria, contudo, aposentar-se, diagnosticado como portador de encefalopatia límbica, que, em outros termos, é demência.

Retornando, alguns dias após, à agência, recebido com toda cortesia pela equipe de laboriosos colaboradores, o gerente informa, solenemente: - O senhor, agora aposentado por invalidez, pode fazer valer os seguros que fez e quitar sua dívida para com a instituição. São Lolando reage abruptamente: - Mas que seguro esse, pois não autorizei debitar nada...

- Fizemos com autorização de sua família. o senhor agora é só requerer o seguro e terá quitada de vez toda sua dívida. É só trazer a documentação...

O homem não deixa por menos, exprobando a atitude do gerente e de seus filhos. Dias passados, com a ajuda de familiares (um dos filhos era engenheiro agrônomo, conhecedor dos contratos de crédito rural), a documentação é encaminhada à seguradora, a qual, três semanas após, procede o depósito do montante, quitando-se, de vez, o débito junto à instituição financeira. Débito, diga-se de passagem, rolado e enrolado anos e anos seguidos.

Retornando à agência (era dia chuvoso) sentado à mesa do gerente, comunicado da liquidação de seu compromisso financeiro, a reação de São Lolando foi estarrecedora. Entre impropérios e pilhérias chulas, apondo as botas lamacentas sobre a mesa do gerente, escarnece:

- Então, são gerente de m..., pelo que estou entendendo, não devo mais nada a essa espelunca, não é isso?

- O sr. está totalmente quites, graças ao seguro... redargue, perplexo, resfolegante, o gerente.

- Olhem e ouçam todos (a essa hora, já de pé sobre a mesa do gerente, gritando a plenos pulmões em direção aos funcionários e demais clientes, agência lotada àquela hora): Océns são todos uns fdp, uns borrabóias e vão todos para os quintos dos infernos!

(Bem, para encurtar o assunto, dirigindo ainda saraivadas de palavrões, os mais obscenos, dali se retirou o pretensu louco, tomando, ademais, inúmeras outras atitudes contra a instituição, denunciando-a aos órgãos superiores e entrando com processo judicial de danos morais e financeiros por ter sido contratado seguro sem sua autorização, além da balela de juros indevidos, constrangimentos e por aí afora...).



PERSONAGENS CAUSADORES DE CONFUSÕES

Encontramos, na literatura, vários personagens que são exímios tipos profíctos e/ou adeptos de brigas, conflitos, confusões.

- João Grilo, personagem alegórico de "Auto da Compadecida" de Ariano Suassuna, cujo enredo se passa no sertão nordestino. Pobre, franzino, astuto, João Grilo sempre causa confusões, tentando assim se beneficiar ante situações adversas. Peripécias que acabam por lhe causar a morte e o levam ao julgamento final.

- Dom Quixote, o autoproclamado cavaleiro andante, imortal

personagem criado por Miguel de Cervantes que se envolve em desafios, singularidades, aventuras e desventuras mil.

- Os personagens do escritor austríaco Thomas Bernhard (1931-1989) têm como especialidade criticar a tudo e a todos. Furibundos, misantropos, dotados de um mau humor de pedra, de uma acidez incontrolável, ninguém escapa à pesada artilharia de Thomas Bernhard, sejam filósofos, políticos, pintores, escritores, mesmo nações e povos, por mais poderosos que sejam...

RECENSEAMENTO DEMOGRÁFICO DE 1872

Fonte: Paróquia de São Tiago
Vinícius Mata



Esse ano se comemora os 150 anos do primeiro censo nacional brasileiro! O recenseamento demográfico de 1872, foi a primeira prática censitária do Brasil, levada a nível nacional, e partiu da necessidade do governo imperial de conhecer melhor seu país. Os resultados finais do censo previam diversas características que compunham a população brasileira daquele período, como homens livres e escravos, raças, estado civil, religião, nacionalidades, alfabetização, deficiências físicas, número de habitações, faixa etária e profissões.

PROVINCIA DE MINAS GERAES

QUADRO GERAL DA POPULAÇÃO DA PAROQUIA DE S. THIAGO

Condições	SEXOS	ALMAS	Raças				Estado civil			Religião		Nacionalidade		Instrução			Defeitos físicos					Casas						
			Branca	Parda	Preta	Caboclos	Solteiros	Casados	Viúvos	Católicos	Outros	Brasileiros	Estrangeiros	Sem ler e escrever	Analfabetos	População acima de 15 anos			Céegos	Surdo-mudos	Aleijados	Doutores	Almofados	Ausentes	Transcuros	Habitações	Escravidões	Fogões
																Freqüente escola	Não freqüente escola	Total										
LIBRES	Homens	1697	641	876	322	66	1225	449	121	1897	1876	21	205	1692	37	264	291	4	20	28	10	2	1	1	12			
	Mulheres	1659	682	747	236	54	1070	450	139	1659	1649	39	154	1473	24	255	242	1	10	1	1	1	1	1	1			
	Soma	3356	1323	1623	558	120	2295	899	260	3556	3525	41	359	3165	61	519	533	5	30	29	21	2	2	2	23	654	654	
ESCRAVIZADOS	Homens	358	90	268	260	80	28	358		358	321	37		358				1	1	1	1	1	1	1				
	Mulheres	312	81	201	256	81	25	312		312	296	16		312														
	Soma	670	171	469	516	105	53	670		670	617	53		670				2	2	2	2	2	2	2				
Soma geral		4026	1494	2092	1074	235	2965	899	260	4226	4142	84	359	3835	61	519	533	7	32	31	3	3	3	4	654	654		

A população total foi computada em 9.930.478 habitantes, sendo 5.123.869 homens e 4.806.609 mulheres. Segundo o mesmo censo 38,3% da população eram pardos, 38,1% brancos, 19,7% negros e 3,9% caboclos (índios). A população livre era de 8.419.672 pessoas, e 1.510.806 pessoas escravizadas. Minas Gerais era a província mais populosa, com 2.039.735 pessoas, destes 1.669.276 livres e 370.459 escravizados; e também com o maior número de paróquias, 370 no total.

Paróquia de S. Thiago

SEXOS	Condições	Raças	População considerada em relação às idades. Presentes. (População de facto)											TOTAES					Ausentes (acidentalmente)	Transcuros (população fixante)	População legal																	
			Mezetas				Anos completos			Quinquênios				Decênios				das Raças			das Condições			Homens	Mulheres													
			1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	1	2	3	4	5			6	7	8			9	10	11	12	13	14	15	16	17	18	19	20	21
HOMENS	LIBRES	Branca	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1			
		Parda	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1			
		Preta	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1			
		Caboclos	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1			
		Preto	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1		
HOMENS	ESCRAVIZADOS	Branca																																				
		Parda																																				
		Preta																																				
		Caboclos																																				
		Preto																																				
MULHERES	LIBRES	Branca																																				
		Parda																																				
		Preta																																				
		Caboclos																																				
		Preta																																				
MULHERES	ESCRAVIZADOS	Branca																																				
		Parda																																				
		Preta																																				
		Caboclos																																				
		Preta																																				
SOMA geral																																						

Já a paróquia de Bom Sucesso era formada por 4688 almas, sendo 3401 pessoas livres (1670 homens e 1731 mulheres), e 1287 escravizadas (701 homens e 586 mulheres). Dentro desse número, 2124 pessoas eram brancas, 1263 eram pardas, 1268 eram pretos e 33 caboclos. Igualmente 3254 pessoas eram solteiros, 1207 casados e 227 viúvos. Havia 374 casas em toda a paróquia, sendo 13 desabitadas. Apenas 539 pessoas sabiam ler e escrever, e 4149 eram analfabetos. Havia 149 estrangeiros em Bom Sucesso, sendo que grande parte eram de africanos escravizados, 133 no total, além de mais 11 livres, e ainda

Parochia de S. Thiago

Estrangeiros	Sexos	Religião	Estados civis	População considerada em relação á nacionalidade estrangeira																				TOTAES																			
				Africanos		Albaneses	Austriacos	Argentinos	Belgas	Holandeses	Chiles	Dinamarqueses	Franceses	Gregos	Hespanhóles	Holandeses	Hongaros	Ingleses	Italianos	Japoneses	Mexicanos	Norte-Americanos	Orientales	Portuguezos	Rusos	Sinos	Suicos	Tupacos	Dos solteiros	Dos casados	Dos viúvos	Dos catholicos	Dos antheticos	Dos livres									
				Escravos	Livres																																						
NATOS	HOMENS	CATHOLICO	Solteiros	22	11																															30	30	8	68				
			Casados	5	1																																						
			Viúvos	3	1																																						
		ACATHOLICO	Solteiros																																								
			Casados																																								
			Viúvos																																								
	MULHERES	CATHOLICO	Solteiros	8	5																																			14	8	6	28
			Casados	2	1																																						
			Viúvas	1	1																																						
		ACATHOLICO	Solteiros																																								
			Casados																																								
			Viúvas																																								
Somma geral				53	31																					64	30	32	84	64													

TAB. DE A. LEBREZON & FILHA - OFFICINA EL - RIO DE JANEIRO.

5 portugueses. Em relação às profissões, havia em Bom Sucesso 1 religioso secular, 3 farmacêuticos, 1 parteira, 4 professores, 2 empregados públicos, 1 artista, 1 pescador, 97 capitalistas e proprietários, 31 comerciantes, 197 costureiras, 23 operários em metais, 13 em madeiras, 247 em tecidos, 6 em edificações, 6 em couros e peles, 5 em vestuários e 17 em calçados. Havia ainda 1540 lavradores e 441 criados e jornaleiros assalariados, também 1180 pessoas encarregadas de serviços domésticos, e 872 pessoas sem nenhuma profissão.

PROVINCIA DE MINAS GERAES PAROCHIA DE S. THIAGO

Nacionalidade	Comunidades	Sexos	Estados civis	População considerada em relação ás profissões															TOTAES																															
				Profissões liberais										Profissões Industriais e Comerciaes	Profissões manuseas ou mecánicas				Profissões variadas e Fêmeas analfabetas	dos Estados civis		dos Sexos																												
				Religiosos					Juristas						Operarias					das Comunidades		das Nacionalidades																												
				Sacerdotes	Homens	Mulheres	Juizes	Advogados	Notarios e escrivões	Procuradores	Officiaes de Justicia	Médicos	Chirurgiões		Pharmacéuticos	Parteiros	Professores e homens de letras	Empregados publicos		Artistas	Milliceres	Martiricos	Procuradores	Capitães e proprietarios	Manufactureiros e fabricadores	Comerciantes, abastecedores e	Contadores	Costureiras, sarteiras, costureiras e empregadas	Zinzeiros	Em madeiras	Em tecidos	De edificações	Em couros e peles	Em tintureria	De vestuários	De chapéus	Lavradores	Crioulos	Crioulos e Jornaleros	Homens domesticos	Sem profissao	Solteiros	Casadas	Viúvas	Homens	Mulheres	Livres	Escravos	Brancos	Negros
Brasileira	LIVRES	Homens	Solteiros	1																																														
		Casados																																																
		Viúvos																																																
	MULHERES	Solteiras																																																
		Casadas																																																
		Viúvas																																																
Estrangeira	LIVRES	Homens	Solteiros																																															
		Casados																																																
		Viúvos																																																
	MULHERES	Solteiras																																																
		Casadas																																																
		Viúvas																																																
Somma geral																																																		

TAB. DE A. LEBREZON & FILHA - OFFICINA EL - RIO DE JANEIRO.

SÃO-TIAGUENSES NOTÁVEIS!

Nilda Reis Mata

D. Nilda Reis Mata... quem não conhece? Pessoa maravilhosa, moradora de uma das casas mais bonitas da Praça Ministro Gabriel Passos, em São Tiago. Sua casa parece feita de chocolate, doce como sua moradora, que sempre viveu nela, distribuindo, doçuras. Filha do Sr. João Batista dos Reis, prático em farmácia e D. Ana Teodora Silva, natural de Ibituruna, tendo exercido no município, funções de professora e diretora. Nilda nasceu em São Tiago aos 19 de novembro de 1925, tendo quatro irmãos.

Casou-se com Sr. José Afrânio, em 30 de novembro de 1950; ficando viúva em 2000. Tiveram duas lindas filhas: Heliane e Heloísa, sendo hoje avó e bisavó.

Sua formação acadêmica aconteceu no Colégio Nossa Senhora das Dores, com as irmãs vicentinas, em São João del-Rei, regime de internato, sendo que foi para esta instituição com apenas 12 anos.

Em 1946, dia 10 de abril foi nomeada como professora para o Grupo Escolar "Afonso Pena Júnior" exerceu seu trabalho por 42 anos, sendo 22 anos como regente de turma, depois vice, diretora e, por fim secretária, aposentando-se aos 04 de dezembro de 1988. Segundo ela na sua época, só existem duas professoras, D. Germânia e D. Maria Célia Mendonça (grandes amigas e excelentes professoras).

Tive a honra de tê-la como minha primeira professora desenvolvendo em nós, seus alunos, o gosto pela leitura, o esmero para a caligrafia correta. Veja neste cartão de quase 50 anos, sua letra perfeita...

ONTEM

HOJE



Como no passado, hoje com seus 97 anos, sempre porta roupas discretas e elegantes, cabelos arrumados, brincos de bolinhas na orelha, vaidade nos sapatinhos de salto, lábios coloridos por um batom neutro, unhas arrumadas. Passa parte das horas do seu dia no alpendre de sua "casa de chocolate", atenta às suas leituras e ao vai e vem, das pessoas que passam, sempre com um sorriso no rosto, respondendo aos cumprimentos.

Como diz a música de Ataulfo Alves, "Que saudades da Professorinha" que me ensinou o bê-á-bá... Nós alunos da época, com 7 anos, não sabíamos nem usar o lápis e D. Nilda, este "Anjo Bom da Educação", com todo carinho lá nos conduzindo na aprendizagem, nos ensinando as letras.

As salas de aula eram enormes, cheias de alunos, mesa do professor em cima de um tablado e de lá, ela tão pequenina tão delicada, nos parecia uma gigante de conhecimentos.

Com muita didática e paciência, usava o quadro negro com giz para anotações dos pontos de geografia, cópias de tabuadas, dificuldades ortográficas, etc. As horas eram ensinadas num enorme relógio de papelão que o aluno buscava na biblioteca para manuseio de seus ponteiros. Tinha uma maneira especial de nos tirar os medos e nos incentivar com bilhetinhos, santinhos, elogios, etc.

Tive a oportunidade de entrevistá-la na tarde de 23 de abril de 2022. Estava só, assentadinha em sua cadeira confortável, no alpendre de sua casa. Para a foto fez questão de pentear os cabelos e colorir mais os lábios, com seu batom discreto. Segundo a filha, amanhece



arrumada para o café da manhã (é vaidosa e organizada).

Conversamos muito sobre o passado, presente, mudanças diversas da cidade e do povo. Lembrou com saudade de seus alunos do ano de 1946, onde estudavam juntos 60 alunos e a maioria precisava de ajuda para pegar o lápis na mão para escrever, para aprender e escrever o nome e as letras.

Sente saudades dos alunos e dos colegas de trabalho. Citou alguns deles como: Sr. Chico Vitorino, Sr. José Ica, D. Rosária, Sr. Chico da Natinha, Sr. José Braulino, dentre outros e também do civismo que era cultuado na escola.

Demonstrou preocupação com as crianças de hoje, com esta educação diferente, uso indiscriminado do celular e pouco compromisso dos alunos.

Referiu ao carinho que tinha com os alunos da zona rural que vinham a pé, descalços para as aulas, e às vezes, molhados e ela os acolhiam como mãe.

Lembrou com nostalgia da falta de merenda, dos poucos recursos e da ansiedade em querer proporcionar o melhor para seus alunos.

Da vida, disse ter saudade das Festas de Agosto e dos bailes, onde ela e sua amiga Mariinha do Jandir eram exímias dançarinas. Dança, ela aprecia até hoje.

Apesar de idade, é muito saudável, quase não faz uso de medicamentos, gosta de dormir cedo, faz a leitura e palavra cruzada, seu hábito diário. Ocupa a mente com pensamentos positivos, tem memória fantástica, gosta de jogar víspera, conversar e continua linda por dentro e por fora.

Grande e eterna D. Nilda, exemplo de mulher, de cidadã são-tiaguense, de amiga, de professora, de mãe.

Neste mês de maio a homenagem deste boletim é para ela. Simbolizando todas as mães de nossa cidade.

**Maria Elena Caputo
de Castro
Professora/Psicóloga**



ANTIGOS MORADORES DA REGIÃO DE SÃO TIAGO - PARAGEM DO RIO DO PEIXE - MARIA DE SIQUEIRA PAES (MÃE E FILHA) – MANOEL MARTINS GOMES

D^a Maria de Siqueira Paes, a velha, provavelmente uma das moradoras mais antigas do atual município de São Tiago, era natural de São Paulo e foi casada por três vezes: 1^a com José da Silva Dias (+ 1710), filho de João Dias da Silva e Izabel da Silva e por esta neto de João Leite de Miranda e Ana da Silva, com quem teve uma única filha Maria de Siqueira Paes, homônima da mãe⁽¹⁾; 2^{as} núpcias com Antonio Ferreira Barreto, com quem teve três filhas: a) Josefa Ferreira Barreto⁽²⁾; b) Escolástica Ferreira com 9 anos em 1733, falecida aos 11-02-1738, sepultada no cemitério de São Gonçalo; c) Ana Ferreira Barreto, batizada na matriz de Nossa Senhora do Pilar, com 7 anos em 1733; casada (1745) com Domingos Martins Gomes, natural do arcebispado de Braga, filho de Manoel Martins e Maria Gomes; D. Maria de Siqueira Paes, a velha, consorciou-se em 3^{as} núpcias com Paulo Vieira da Maia, sem geração.

D^a Maria de Siqueira Paes, uma das primeiras moradoras da região, era natural da freguesia de Nossa Senhora de Montserrat, São Paulo, filha do Capitão Salvador de Oliveira Paes (* 1666) e Izabel de Siqueira e Mendonça. Faleceu em 1733 na “roça de Paulo Vieira”, seu 3^o marido e inventariante, terras do atual município de São Tiago. Inventário aberto aos 13-04-1733. Monte-mor 1:635\$550 (Fonte Inventário 1733 - AHET/Iphan/SJDR Cx. 477).

Sua filha homônima (de seu 1^o casamento) casou aos 16-07-1732 em São João Del-Rei com o português Manoel Martins Gomes, sendo estes moradores na paragem do Rio do Peixe, capela de São Tiago, proprietários da Fazenda Campo Alegre, onde foi aberto o inventário de Manoel Martins Gomes aos 21-09-1769 “em casa de morada da inventariante e viúva Maria de Siqueira Paes, paragem do Rio do Peixe da capela de São Tiago, termo da vila de São José, comarca do Rio das Mortes” (Inventário de Manoel Martins Gomes – 1769 – Cx. C-3 – Iphan/MRSJDR – Inventariante a viúva Maria de Siqueira Paes)⁽³⁾. O casal teve 8 filhos, conforme relação infra, sendo tutelados no inventário paterno por Domingos Martins Gomes (não comparecendo nem se fazendo representar no citado inventário a filha Isabel, batizada aos 12-03-1746 na capela de São Gonçalo; provavelmente falecida em criança).

I – Manoel Félix de Siqueira Martins com 32 anos em 1769. Demente. Solteiro aos 66 anos em 1801 (“Deixo a terça para o filho Manoel por ser demente e por isso o mais necessitado de todos os meus herdeiros” – Testamento de D^a Maria de Siqueira Paes).

II – Antonio Manoel de Siqueira Martins com 30 anos em 1769. Solteiro, já falecido em 1801.

III – Tenente José Manoel de Siqueira Martins, batizado na capela de São Gonçalo do Brumado aos 19-05-1739. Casado, com 60 anos em 1801.

IV – Alferes Ângelo Martins de Siqueira com 27 anos em 1769. Inventariante materno (1801) quando tinha 56 anos.

V – Furriel Francisco Xavier de Siqueira Martins com 25 anos em 1769. Em 1801, era já falecido, sendo seu testamenteiro o irmão Ângelo.

VI – Maria Antonia Felisberta Dias, batizada aos 04-11-1744 na capela de São Gonçalo do Brumado. Casou aos 14-05-1770 na capela de São Gonçalo do Brumado com o Alferes Januário Pereira Dias, natural de Baependi, filho de Luiz Pereira Dias e Maria Lemes do Prado. O casal Januário e Maria Antonia, ambos já eram falecidos em 1801, teve três filhos:

1. José Joaquim Felisberto Dias, batizado aos 20-10-1771 na matriz de São João Del-Rei (com 6 anos em 1775, 18 anos em 1789 e 27 anos em 1798, “trabalhando sobre si e vivendo com boa educação”). Proprietário da Fazenda Barreiro...

2. Joaquim José Felisberto Dias com 2 anos em 1775 e 16 anos em 1789. Falecido aos 17-10-1789 vitimado por “picada de cobra”

Sepultado “dentro da capela de Santa Rita” (Ritópolis).

3. Ana Vitória Felisberta Dias com 8 meses em 1775. Casou aos 18-11-1788 na matriz de São João Del-Rei com Leandro Xavier Bueno, este batizado aos 22-03-1757 na capela de Nossa Senhora da Conceição em Carrancas, filho do Cap. Manoel Francisco Xavier Bueno e D^a Lucrécia Leme de Bueno, n. de São Paulo. Em 1831, Leandro era viúvo, com 77 anos, lavrador, residindo em Bom Jesus de Perdões, quarteirão 9, fogo 18, em companhia do filho Leandro e 4 escravos (Censo 1831).

D^a Maria Antonia faleceu aos 02-01-1775, sendo inventariante o viúvo Alferes Januário Pereira Dias, inventário aberto aos 04-09-1775 no local Campo Alegre do Rio do Peixe (IPHAN/SJDR Cx. 423). O Alferes Januário Pereira Dias faleceu, por sua vez, aos 31-07-1789, também na fazenda Campo Alegre do Rio do Peixe, Aplicação de São Tiago.

Bens de raiz: uma fazenda chamada o Campo Alegre do Rio do Peixe, na aplicação de São Tiago; Sítio, terras de cultura e casas cobertas de capim na freguesia de Lavras do Funil, vizinha ao Rio Grande, termo da vila de São João Del-Rei, avaliada em 300\$000. Monte-mor 1:231\$850.

O Alferes Januário Pereira Dias casou pela segunda vez aos 19-10-1785 na capela de Nossa Senhora da Conceição de Carrancas com Inácia Maria Custódia do Sacramento, batizada aos 13-10-1755 na capela de Santa Ana em Carrancas, filha do Capitão Manoel Francisco Xavier Bueno e Lucrécia Lemes de Siqueira, n/b na freguesia de Santana das Lavras do Funil (sic).

O Alferes Januário Pereira Dias faleceu aos 31-07-1789 na fazenda do Campo Alegre do Rio do Peixe, aplicação da capela de São Tiago, sendo inventariante a viúva (2^a esposa) Inácia Maria Custódia do Sacramento. Inventário aberto aos 25-08-1789. Monte-mor 1:287\$624 (Iphan/SJDR Cx. 558 – 1789). Filhos do casal Alferes Januário Pereira Dias e Inácia Maria Custódia do Sacramento:

1. Januária Pereira Dias, batizada na capela de São Tiago aos 17-09-1786. Com 3 anos em 1789 e com 12 anos em 23-06-1798 “vivendo com boa educação em companhia da inventariante sua mãe e que se ocupava em fiar”. Casou com João Peixoto Guimarães aos 09-04-1818 na capela de São Carlos Borromeu em Jacuí/MG.

2. Teófilo Antonio Pereira Dias, batizado aos 12-03-1789 na capela de Santa Rita (Ritópolis); com 6 meses em 1789 e 10 anos em 23-06-1798 “vivendo com boa educação em companhia da inventariante sua mãe e se ocupava em aprender a ler e escrever” Casou aos 31-08-1815 na matriz de Nossa Senhora da Conceição de Franca/SP com Maria da Luz (Projeto Compartilhar – Maria Antonia Felisberta Dias e Alferes Januário Pereira Dias / “Os Bueno da Fonseca em Lavras”).

VII – Antonia Maria Custódia Dias, batizada aos 15-07-1748 na capela de São Gonçalo do Brumado. Casou aos 06-06-1774 na matriz do Pilar em SJDR com o Capitão Caetano José de Almeida, filho de Manoel Gomes Villas Boas e Ignácia Quitéria de Almeida. O casal Caetano e Antonia Maria teve os filhos José, Antonio (+ 02-03-1781), Luiz, Maria Custódia de Almeida Villas Boas e Gama, Antonio (2^o) e Francisco. Devem ter residido em São Tiago, pois aqui foram batizados alguns de seus filhos como Luiz aos 18-08-1781.

O Capitão Caetano, viúvo, casou aos 09-01-1826 com Ana Francisca da Silva Lima, natural de Paracatu, filha de Amaro da Silva Xavier e Ignez Francisca de Lima.

VIII – Joaquim Antonio de Siqueira Martins, batizado aos 20-01-1751 na capela de São Gonçalo do Brumado. Com 21 anos em 1769 e 48 anos em 1801. Durante o inventário paterno “se ausentou fugitivo para as partes de São Paulo e levou em sua companhia quatro escravos”⁽⁴⁾. Casado com Josefa Bueno de Azevedo, batizada aos

09-11-1754 em Conceição dos Guarulhos (SP), filha de João do Prado de Azevedo e Maria Bueno de Albuquerque. Em 1801, tinha em torno de 48 anos completos.

D^a Maria de Siqueira Paes, a filha, faleceu na aplicação de São Tiago aos 28-10-1776, sendo seu inventário aberto aos 16-05-1801 (Inventário de Maria de Siqueira Paes – 1801 – Cx. 184 – MRSJ-DR – Inventariante seu filho o Alferes Ângelo Martins de Siqueira).

NOTAS

(1) *Maria de Siqueira Paes, filha, foi para São João Del-Rei com a idade de 20 anos, sendo criada por sua avó Izabel de Siqueira e Mendonça. Casada aos 16-07-1732 em São João Del-Rei com Manoel Martins Gomes, natural de Portello, termo de Barcelos (em outros documentos ele aparece como natural de São Verissimo, arcebispado de Braga), filho de Manoel Martins e Maria Gomes.*

(2) *Josefa Ferreira Barreto nasceu em 1722, com 11 anos em 1733. Casou-se aos 16-08-1736 na capela de São Gonçalo de Ibituruna com Pascoal Alves Rodrigues, natural da freguesia de São Julião Moreira, termo da vila da Ponta de Lima, comarca de Valença, arcebispado de Braga, filho de Antonio Alves Pinto e Maria Rodrigues de Mattos. Foram moradores em Santo Antonio do Rio das Mortes Pequeno, lugar conhecido como Fazenda do Pascoal Alves. Casal com 13 filhos. Ambos faleceram com testamento: o de Josefa aberto em 01-01-1795 e o de Pascoal aos 12-09-1787. Inventariados em 1795.*

Uma das filhas do casal, Ana Ferreira (Francisca) Rodrigues, batizada aos 29-09-1743 na capela de São Gonçalo do Brumado e casada aos 08-06-1762 com Dionísio Gonçalves Pedreira, n. da freguesia de Cavelões do Rio, termo da vila de Monte Alegre, comarca de Chaves, arcebispado de Braga, filho de José Gonçalves Pedreira e Maria Gonçalves. Um dos filhos do casal Dionísio Gonçalves e Ana Ferreira, Francisco Gonçalves Pedreira com 29 anos em 1797 casou aos 04-06-1804 na ermida de Nossa Senhora do Rosário das Laranjeiras, aplicação de São Tiago, com Margarida Isabel de Jesus, filha do furriel João Rodrigues de Faria e Maria Izabel da Rocha (Projeto Compartilhar – Os Faria de Bom Sucesso).

(3) *Manoel Martins Gomes era natural de São Verissimo, arcebispado de Braga, filho de Manoel Martins e Maria Gomes. D^a Maria de Siqueira Paes era natural da freguesia de Nossa Senhora de Monte Serrat (SP), filha de José da Silva Dias e Maria de Siqueira Paes. Recebeu sesmaria na paragem do Rio do Peixe aos 12-09-1747 (APM ano 1909, vol. 14, fls. 17-209).*

Bens de Raiz – Inventário de Manoel Martins Gomes aberto na Fazenda Campo Alegre aos 21-09-1769 (1769 - Cx. C-3 – MRSJDR) Monte-mor 2:179\$947

- *Propriedade e casas de morada no local Campo Alegre na Paragem chamada Rio do Peixe, capela de São Tiago, termo da vila de São José, Comarca do Rio das Mortes.*

- *Moradas de casas no arraial de São Gonçalo (Caburu) – avaliadas respectivamente em 36\$000 e 24\$000.*

- *Vertentes de matos e capoeiras no ribeirão Pequeno, que deságua no rio Jacaré, aplicação de Nossa Senhora de Oliveira. O historiador Luiz Gonzaga da Fonseca menciona “casas de moradia e sesmaria de Manuel Martins Gomes no Campo Grande da Picada de Goiás”, situando-o como um dos primeiros sesmeiros da região. Tal sesmaria, no local Forquilha, demarcada aos 12-07-1754 por uma comitiva oficial, vinda de São José Del-Rei, composta por dois louvados, um escrivão e um intendente da Real Fazenda, juiz executor de Sesmarias” (História de Oliveira” pp 41 e 48).*

D^a Maria de Siqueira Paes (a filha) faleceu com testamento por ela ditado a Nicolau Antonio Nogueira aos 21-10-1776, em sua propriedade “Campo Alegre” na capela de São Tiago, vindo a falecer aos 28-10-1776 (data de abertura do testamento), tendo seu inventário aberto aos 16-05-1801. Nomeou como testamenteiros, por ordem, o Revm^o Pe. Dâmaso Ribeiro da Silva, em 2^o lugar o filho Joaquim Antonio de Siqueira Martins, em 3^o o filho Francisco Xavier de Siqueira e em 4^o e último o filho Ângelo de Siqueira Martins (que foi o inventariante). Casal com 8 filhos já relacionados supra (Fontes: Projeto Compartilhar – Maria de Siqueira Paes / Inventário – 1801 – Cx. 184 – Iphan/SJDR).

(4) *Situações de fugas e desaparecimentos de pessoas, mesmo em famílias tradicionais e de posses, eram comuns à época. Temos igualmente, em nosso meio, o desaparecimento de Manoel Cardoso Osório, que aqui foi proprietários da Fazenda Bom Retiro do Rio do Peixe (entre São Tiago e Resende Costa). Ver matéria em nosso boletim Cap. Luiz Cardoso Osório, n^o CL-março/2020.*

O QUE DIZEM OS HISTORIADORES A RESPEITO:

“Maria de Siqueira Paes, moradora na roça de Paulo Vieira, faleceu em 1733, deixando viúvo Paulo Vieira da Maia, seu segundo marido (Inventário AHET/Iphan-SJDR Cx. 477 – 1733). Anteriormente fora casada com Antonio Ferreira Barreto, de quem tivera quatro filhos, sendo um deles sua homônima Dona Maria de Siqueira Paes, casada com Manoel Martins Gomes, cujo inventário também foi localizado. Seu inventário é um dos poucos referentes à primeira metade do século XVIII e talvez, por isso, um dos únicos a arrolar um escravo indígena, de nação carijó, entre os seus bens.

A roça em que vivia era partilhada com o genro, o qual, por sua vez, ao falecer em 1769, tinha também duas moradas no arraial de São Gonçalo, um sítio no Campo Alegre do Rio do Peixe, capela de SãoTiago, mais umas roças no distrito da capela de Nossa Senhora de Oliveira (Inventário – AHET/Iphan-SJDR Cx. C-3 – 1769). Se Maria de Siqueira não tinha muitos bens móveis, apenas uma mesa com gavetas, o mesmo não ocorria com o marido de sua filha, que era dono de pratos, moveis, cem cabeças de porcos e ferramentas. Além disso, como ele tinha devedores na Picada de Goiás, além de uma frasqueira e outros bens espalhados por suas diversas propriedades, podemos supor que era um homem que viajava constantemente” (Luciane Cristina Scarato – “Caminhos e Descaminhos do Ouro nas Minas Gerais: Administração, Territorialidade e Cotidiano” Campinas/SP, UNICAMP, 2009, p. 163).

Uma correção ao texto da autora supra: Maria de Siqueira Paes, filha ou a nova, casada com Manoel Martins Gomes era filha (homônima) de Maria de Siqueira Paes e de seu primeiro marido, José da Silva Dias. Antonio Ferreira Barreto foi o 2^o marido de D^a Maria de Siqueira Paes, com o qual teve 3 filhas; por fim, em seu 3^o e último casamento com Paulo Vieira da Maia, sem geração. (Redação SS).

NR – No inventário do Capitão Antonio Correa de Alvarenga (1732) com propriedades em São Gonçalo do Brumado, entre os bens inventariados, aparecem 23 escravos, sendo 6 de “gentio da terra” ou seja indígenas, o que comprova a existência da escravidão indígena à época em nosso meio (Projeto Compartilhar – Genealogia Paulistana – Antonio Correa de Alvarenga).

Ainda NR – No inventário de D^a Maria de Siqueira Paes consta que a “administração dos bastardos ou carijós de que se trata é, sem a menor dúvida, que pertence a Dona Maria de Siqueira Paes como herdeira e filha mais velha que ficou de sua mãe Maria de Siqueira Paes”.

“A expansão para o oeste, em busca de terras para pastos e culturas e seguindo os rumos da Picada de Goiás, caracterizou a ocupação de Oliveira e outras aplicações da freguesia de São José. Segundo Waldemar de Almeida Barbosa, a primeira sesmaria de Nossa Senhora de Oliveira data de 1754; nos quatro anos seguintes foi construída a capela e, ao longo da década de 1760, concedidas novas sesmarias (...). Oliveira ficava a 16 léguas da matriz e atraiu muitos moradores, devido a disponibilidade de terras ou ao preço destas, uma vez que as primeiras sesmarias concedidas foram rapidamente negociadas. O primeiro morador de que se tem notícia em Oliveira é Domingos Vieira da Mota, residente em Passatempo e que obteve a sesmaria em 1754, cedendo-a em 1758 a Antonio de Oliveira Jorge. Na década de 1760, outro sesmeiro, Manuel Martins Gomes, vendeu sua sesmaria a Ricardo Pereira Leitão e Mateus Ferreira e estes ao Pe. Manuel de Oliveira Silva que, por sua vez, passou adiante a José Friz. Martins. Esses exemplos apontam um mercado precoce de terras num momento em que a freguesia caracterizava-se pela fronteira aberta” (Carlos Oliveira Malaquias – “Trabalho, família e escravidão: pequenos produtores de São José do Rio das Mortes de fins do século XVIII a meados do século XIX” BH, UFMG, 2010, pp. 38/39).

O TEATRO

A arte teatral é a arte de representar textos, obras dramáticas, óperas. Segundo estudiosos, o teatro surgiu em função do desenvolvimento das manifestações e necessidades humanas. Assim, o homem primitivo executava danças, encenações coletivas em seus rituais de celebração - épocas de caça, colheita, perdas, agradecimento - evoluindo para rituais sagrados, ordenados, na tentativa de harmonizar e acalmar os fenômenos naturais, daí sobrevivendo as danças miméticas. No Antigo Egito, os rituais se formalizaram, propagando tradições, mitos e servindo para o divertimento de nobres.

O teatro, como o conhecemos, surgiria e se consolidaria na Grécia, inicialmente o “ditirambo”, uma forma de procissão para homenagear o deus Dionísio (deus do vinho). A cada nova safra de vinho, festas e procissões eram realizadas ao deus, em rituais que reuniam milhares de pessoas, vestidas de bodes (“trago” em grego, daí o termo “tragédia”), encenando o mito e ritos de Dionísio, o deus campestre do vinho, e a dádiva por ele concedida à humanidade – o vinho. Evoluiriam, mais tarde, com a incorporação de coros, formados por corifeus e coreutas, que dançavam, cantavam, dialogavam, representando mitos, histórias e peripécias relacionados aos deuses. Criava-se, assim, ação, movimentação contextual e daí os primeiros textos teatrais.

Surgem os diretores de coro e organizadores das procissões. O primeiro deles foi Téspis, convidado pelo tirano Pisístrato para ser o encarregado da procissão de Atenas. Téspis introduziu o uso de máscaras para representação, dividindo os participantes dentre narradores da história, que através de canções e danças, relatavam as peripécias do(s) personagens. Os narradores eram os intermediários entre o ator e a plateia, cabendo-lhes, ainda, a conclusão ou fecho de cada peça.

Téspis inovou ao subir num tablado, representando o deus Dionísio, criando diálogos (entre o deus e Téspis), sendo considerado, pois, Téspis o primeiro ator grego.



ORIGEM DA TRAGÉDIA

Para Aristóteles, a tragédia grega nasceu das homenagens ao herói dório Adrasto que dominou os povos indoeuropeus da Península e cuja saga era ali dramatizada. Outros autores mencionam ainda os Mistérios de Elêusis, uma encenação anual da vida (nascimento, crescimento, morte) e cujas dramatizações deram origem ao teatro grego em geral, em particular as tragédias.

Segundo Aristóteles, em sua “Poética”, a tragédia tinha fins educativos, ensinando as pessoas a buscarem o “métron” ou medida ideal da vida, não pendendo para nenhum dos extremos de sua personalidade. Tinha ainda, de acordo com o filósofo de Estagira, a função maior da catarse – o processo de reconhecer a si mesmo como num espelho, refletindo/lidando com seus problemas não resolvidos, exteriorizando seus sentimentos e emoções e internalizando seus pensamentos racionais.

Muitas das tragédias gregas escritas se perderam. Das sobreviventes, chegaram, até nós, algumas dos mais importantes tragediógrafos, tais como:

- Ésquilo (525 a 456 a.C aproximadamente), autor de “Prometeu Acorrentado”. Narrava fatos sobre mitos e deuses em especial Zeus, a principal deidade, a quem cabia fixar o destino de cada um.

- Sófocles (484 a 406 a.C aproximadamente), autor de “Édipo Rei”. Abordava as grandes figuras reais. Escreveu verdadeiras odes à democracia. Para ele, o homem só encontraria sua medida na vida pública, atuando na pólis (cidade) por intermédio da democracia, aproximando-se os homens dos deuses.

- Eurípedes (484 a 406 a.C aproximadamente). Estudiosos das emoções da alma humana. Suas obras conduziam à catarse (reflexão), quando o homem sai do “métron” (de sua medida ideal, isto é, erra). Para ele, o amor e o ódio são os maiores responsáveis pelo afastamento da medida de cada um.

Dentre os comediógrafos, a maior figura é Aristófanes (445 a 386 a.C).



O TEATRO EM NOSSA REGIÃO

Ao lado de São Tiago, final do séc. XIX até meados do séc. XX, cidades próximas como Resende Costa, Bom Sucesso⁽¹⁾ e Passa Tempo dispunham de grupos de teatro amador, que, inclusive, permutavam textos de peças, realizavam turnês por outras comunidades.

Sabe-se que São Tiago, malgrado suas limitações, sempre foi receptiva às atividades e manifestações culturais, dentre elas música e artes cênicas (teatro, circo).

Há referências a um vigoroso grupo de teatro em São Tiago, no início do séc. XX, sendo encenadas (auge entre 1920 a 1935) dezenas de peças, dentre dramas e comédias: “O hotel dos amores”, “Mudança à meia noite”, “Coitado do Xavier”, “Os olhos que eu matei”, “As almas pertencem a Deus”, “Seu Anastácio, o vendedor de ovos e a criada pernóstica” (autoria atribuída ao sr. Octávio Leal Pacheco). Ainda outras peças, segundo informações, aqui encenadas: “Apuros de Lulu”, “Quem casa quer casa”, “Ressonar sem dormir”, “Guerra aos Nunes”, “O beijo do Judas”, “A filha do saltimbanco”, “Leonardo, o pescador”, “A morgadinha de Valfloor” (autoria de Pinheiro Chagas), “A sopa no mel” etc.

Surgiram grupos amadores de curta duração nas décadas de 1950 a 1970, formados geralmente por estudantes e professores ligados aos educandários locais (Escola Estadual “Afonso Pena Junior” e Colégio Normal Santiaguense-CNEC). Algumas das peças encenadas eram de autoria do jovem teatrólogo são-tiaguense Antonio Geraldo, falecido precocemente. Infelizmente, sequer os textos de suas peças foram conservados, perdendo-se considerável acervo artístico-literário. Contatos exaustivos, nesse sentido, feitos junto a familiares bem como a remanescentes dos grupos teatrais locais de antanho foram infrutíferos no sentido de resgate das citadas peças/textos.

Eram representadas, granjeando aplausos de espectadores, fazendo rir algumas peças, outras levando à emoção, protagonizadas por atores anônimos, talentosos, cujos espetáculos eram bem conduzidos e assim recepcionados pela população. D^a Maria Alacoque, uma das atrizes da época, já idosa, sabia de cor e salteado trechos das peças encenadas no início do

século. Uma pena não ter sido catalogado o material de seu conhecimento e que se perdeu com sua morte.

Dentre os principais realizadores, menciona-se o sr. Octávio Leal Pacheco (1891-1975), grande orador e dotado de invulgar cultura, atuando como diretor, ator, produtor de peças, sendo algumas de sua autoria. Outra notável personalidade foi D^a Rosália Alice de Carvalho, talentosa professora, desenhista, pintora, com atuação no palco e mesmo no circo⁽²⁾, que dirigiu peças de teatro, entre nós, até a década de 1960.

A ocorrência de outras modalidades recreativas, como o cinema e posteriormente a televisão, fizeram desaparecer as sociedades e grupos dramáticos, um grande prejuízo para a mocidade que, já naqueles tempos, podiam contar com uma escola artística de que tomavam parte, num ambiente sadio, de respeito e linguajar sóbrio.

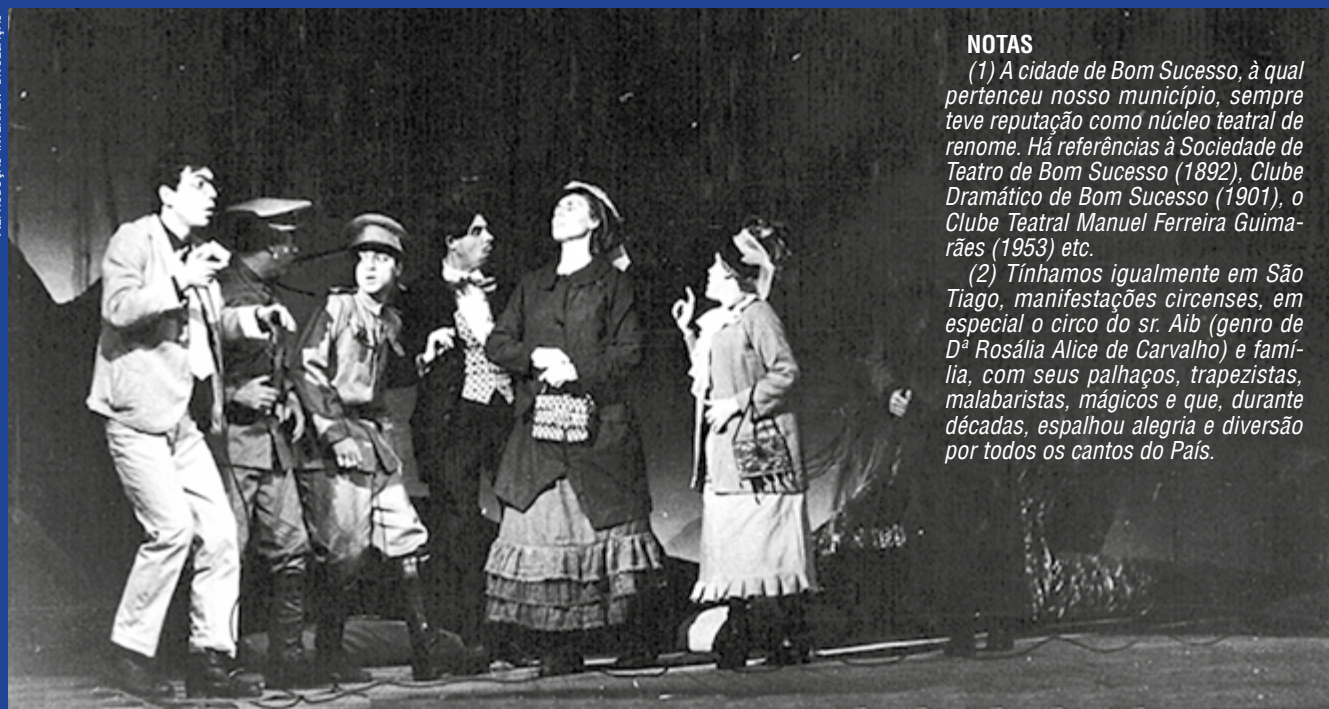
Entre 1978 e 1982, um novo grupo teatral denominado “Prefeitura em ação” surgiria em nosso meio. O nome prestigiava e integrava vários membros e funcionários da Prefeitura, em especial o prefeito da época, sr. Raul Wilson da Mata, entusiasta, apoiador e fundador do grupo. Tinha como objetivo a promoção da cultura e arte local, além de assegurar entretenimento e lazer à população e permitir maior integração entre os funcionários municipais e comunidade. Seus principais atores eram: Raul Wilson da Mata, Diana Simone da Mata, Dirce Maria de Resende, Maria dos Anjos Silva Coelho, Maria Ligia da Silva, Pedro Coelho Lara, Arnaldo Lara de Almeida, Múcio Andrade de Carvalho, Maria de Lourdes Rezende, Pe. Tiago de Almeida. Além de São Tiago, o grupo realizou apresentações em Resende Costa, Ritópolis, São Francisco de Paula, Mercês de Água Limpa, encontrando a maior receptividade e acolhendo os aplausos dos expectadores e moradores das referidas cidades, sendo a peça “As almas pertencem a Deus” uma das mais aclamadas. O deslocamento da equipe, inclusive do palco removível, era feito em camionetes, uma delas de propriedade do sr. Raul Wilson da Mata. Muitos elementos do(s) cenário(s) eram adaptados, até mesmo com a ajuda de moradores das cidades visitadas.

NOTAS

(1) A cidade de Bom Sucesso, à qual pertenceu nosso município, sempre teve reputação como núcleo teatral de renome. Há referências à Sociedade de Teatro de Bom Sucesso (1892), Clube Dramático de Bom Sucesso (1901), o Clube Teatral Manuel Ferreira Guimarães (1953) etc.

(2) Tínhamos igualmente em São Tiago, manifestações circenses, em especial o circo do sr. Aib (genro de D^a Rosália Alice de Carvalho) e família, com seus palhaços, trapezistas, malabaristas, mágicos e que, durante décadas, espalhou alegria e diversão por todos os cantos do País.

REPRODUÇÃO INTERNET/ DIVULGAÇÃO





Garrafas de vinho antigas tinham diversos formatos

Por que não um litro?

Como foi definido o volume de 750 ml para a garrafa de vinho?

Ao longo da história existiram inúmeros formatos de garrafas

Você já parou para se perguntar o porquê de uma garrafa de vinho ter 750 ml e não 1 litro “redondo”? Pois é. Quando paramos para refletir sobre essa questão podemos conjecturar muitas hipóteses. Algumas delas podem ou não ter a ver com os três quartos de litro terem se tornado a medida padrão das garrafas de vinho.

Muitos aventam a possibilidade de que os 750 ml tenham nascido da capacidade pulmonar dos sopradores de vidro. Há quem diga que os produtores de vidro só eram capazes de criar espaços que correspondiam a 650 ou 750 ml de líquido quando sopravam o vidro quente para os recipientes. Mas a “industrialização” da produção ocorreu no século XVII e, ainda assim, manteve-se esse “padrão”?

Parece pouco provável, não? Então, outra teoria diz que 750 ml era a quantidade média de vinho consumido por refeição por um europeu. É inegável que o pessoal antigamente bebia vinho em profusão. Aliás, vale lembrar que, durante a Idade Média, era mais seguro beber vinho do que água. Ainda assim, essa tese não parece das mais confiáveis.

Há quem sustente ainda que a medida teria sido padronizada em decorrência da quantidade de taças servidas em um restaurante. Ou

seja, com 750 ml, você poderia servir até seis taças de 125 ml. Haja precisão na hora de servir!

A possibilidade mais aceita, contudo, remete ao comércio entre França e Inglaterra. Ou seja, deveu-se por uma questão de ajuste de medidas. Enquanto os franceses usavam litros como medidas de volume, os ingleses usavam os galões imperiais – que equivalem a 4,54609 litros. Os vinhos eram embarcados em barricas de 225 litros, o que equivalia a aproximadamente 50 galões. E esses 225 litros também equivaliam a 300 garrafas de 750 ml.

Então, para ficar mais fácil, uma barrica era igual a 50 galões ou 300 garrafas. Dividindo 300 por 50 significa que um galão é igual a seis garrafas. Acredita-se que, por essa razão, até hoje os vinhos são costumeiramente vendidos em caixas de seis ou 12 garrafas.

Enfim, como sempre, em quase tudo na história da humanidade e do vinho, essa questão foi definida pelo comércio. Vale lembrar, contudo, que a legislação apontando que 750 ml seria “definitivamente” o padrão é da década de 1970.

Fonte: www.revistaadega.uol.com.br/artigo/como-foi-definido-o-volume-de-750-ml-para-garrafa-de-vinho_11197.html

Óbito de Yves Prégent, membro da comitiva de Saint-Hilaire (1819)

Fomos questionados/demandados sobre a data de falecimento e local de sepultamento do Yves Prégent, amigo de Saint Hilaire e empalhador oficial de animais da expedição ocorrido em São João del Rei (1819).

Realizamos pesquisas junto a arquivos religiosos e ainda contactos com experientes historiadores regionais, nada se apurando.

Transcrevemos texto infra dos pesquisadores Antonio Liccardo/Júlio César Mendes, obra "Saint Hilaire nas nascentes do Rio São Francisco" Ouro Preto, 2001.

"O caminho para São João del Rei, o grande centro urbano da região em 1819 passava pelo rancho do Rio das Mortes, atual povoado de Santo Antonio do Rio das Mortes. Nesse rancho Saint Hilaire se instalou por vários dias em função dos problemas de saúde de Yves Prégent seu companheiro de expedição e empalhador oficial de animais do grupo".

O viajante francês encontrou muitos dissabores em

São João del Rei culminando com a morte de seu amigo Prégent pela febre. Segundo médicos e curandeiros locais essa febre teria sido contraída na passagem pela Mata Atlântica. A doença do empalhador obrigou Saint Hilaire a se instalar num albergue de última categoria nessa cidade. O primeiro hotel de São João del Rei funcionando até hoje, só veio a ser inaugurado em 1840 na margem direita do Rio das Mortes Grande. Registros sobre o óbito de Prégent não puderam ser encontrados na igreja matriz da cidade.

(Antonio Liccardo/Júlio César Mendes – Nas nascentes do Rio São Francisco – Ouro Preto - 2001).

Sobre Saint Hilaire e sua passagem por nossa região (1819) – ver matérias em nossos boletins n.ºs LXX – julho/2013 e CXXXVIII – março/2019.

Perfil



Sr. Alberto Luz Santiago (Béco)



Sr.ª Valdemira Mendes Santiago

Sr. Alberto Luz Santiago (Béco) e Sra. Valdemira Mendes Santiago, casados em 07 de junho de 1939, residente na Praça Ministro Gabriel Passos, 635, Centro, São Tiago/MG.

Eram pais de 6 filhos, sendo quatro mulheres e dois homens, porém perderam ainda muito novos, três mulheres e um homem, ficando apenas Tiago e Maria Dimas.

Vieram do meio rural para tentar uma vida digna e melhor para a família. Assim sendo, em janeiro de 1949 inauguraram o seu bar "Santa Cruz" justamente no dia da emancipação política desta cidade. Ofereceram então um baile para todos que ali compareceram na saudosa botica do Capitão João Pereira Santiago e sua esposa Maria Luiza Santiago.

O casal, juntamente com seus filhos, continuou com as

suas labutas, com amor, fé, respeito a tudo e a todos com bênção de Deus, Nossa Senhora do Rosário e São Tiago, em sua residência familiar e comercial.

Foi o primeiro casal que oferecia danças em seu estabelecimento familiar e também vendendo bebidas, salgados e frutas, fato este que deixou eternas saudades, sendo lembrado até hoje "o baile do Béco" para todos que ali iam se divertir. Mais tarde se dedicavam apenas a pensão familiar em nossa cidade.

E o tempo foi passando, já com mãos calejadas com os trabalhos honrados diante de sua família e amigos tiveram suas enfermidades e vieram a falecer deixando saudades de tudo e de todos.

Em 13.05.2022, às 18:30h, em votação na Câmara Municipal do município de São Tiago, os representantes do legislativo e judiciário aprovaram diante da Lei, o nome de Valdemira Mendes Santiago para uma Rua no Bairro Juca Mariano, no lote 08. Nós, os filhos, agradecemos a todos.

Tiago do Rosário Mendes Santiago – Tiago do Béco



O leão que pensava ser uma “ovelha”!

Por Deborah Furtado

Existe uma parábola contada por um monge Hinduísta, sobre um Leão criado por ovelhas.

“Um filho leão ficou perdido e esfomeado, foi encontrado por uma ovelha que não tinha filhos, e comovida mas ao mesmo tempo emocionada, ela levou o leãozinho alimentou-o e cuidou dele, como se de um filho se tratasse.

Com o tempo o leão começou a alimentar-se de erva e a portar-se como ovelha até se tornar um Leão grande e forte. O Leãozinho, brincava com as outras ovelhas jovens, sendo muitas vezes alvo da troça delas, por ser muito diferente.



Sempre que o Leãozinho era alvo de troça, ia ter com a sua “mãe ovelha” e desabafava com ela, e ela dizia-lhe que apesar de ele ser diferente, tinha muitas características em que ele era diferente, mas que isso não fazia dele um ser inferior, e que tinha muitas outras

qualidades superiores às outras jovens ovelhas.

Certo dia, um outro leão aproximou-se das ovelhas tentando caçar algumas. Alarmadas elas correram para se abrigar, o mesmo fez o leão que estava com elas. Não acreditando no que via, o Leão caçador aproximou-se e disse:

– “Por que foges tu de mim e te juntas às ovelhas, sendo um leão?”

– “Eu não sou leão, sou ovelha e por favor, não nos faças mal”, respondeu ele.

– “O Quê? Tu uma ovelha? Estás enganado, tu és um leão. Um caçador igual a mim”.

– “Não, sou uma ovelha. Sempre vivi assim”.

– “Não aguento mais, tu és um leão, o rei dos animais, portanto, porta-te como tal”. De seguida levou-o para uma margem do rio, próximo de onde estavam. – “Olha a tua imagem tu és um leão igual a mim”. A tremer, o leão viu a semelhança entre ambos e isto deixou-o confuso. Não sabia quem era. E vendo as ovelhas correu e foi juntar-se a elas.

Enquanto brincavam, um lobo aproximou-se das ovelhas, encurralando-as, quase todas conseguiram fugir, mas houve uma que ficou mesmo encurralada junto às rochas: a “Mãe do Leãozinho”. Desesperada a ovelha berregava sem parar, até que os seus gritos chegaram aos ouvidos do leão medroso.

Este ao ver à distância o perigo eminente da sua “mãe”, transformou-se e ganhou forças, soltou um rugido de leão apavorante, que ecoou por toda a savana. Assustado e sem saber do que se tratava, o lobo fugiu a correr, e a “mãe ovelha”, ficou a salvo”.

O leão finalmente assumiu a sua verdadeira identidade. Viveu por algum tempo como ovelha, mas seu coração era de leão, e isso fez ressurgir a sua verdadeira natureza.

Todos nós somos leões por natureza, mas vivemos com medo da vida e dos desafios que ela nos coloca todos os dias.

Deves retirar desta história, que deves deixar de te comportar como “ovelha”, assume a tua verdadeira natureza de “leão”, ganha confiança, e atua como um verdadeiro vencedor corajoso.

A tua força está no teu interior, e é capaz de ultrapassar os maiores obstáculos, não te deixes chegar a uma situação de desespero absoluto, como no caso do leão, para fazer emergir de dentro de ti essa força e capacidade que tens dentro de ti.

ARREPENDIMENTO

Uma reflexão sobre a morte e vida

A Ana Cláudia Arantes é uma médica especializada em cuidados paliativos. Ela cuida de pacientes terminais que necessitam de cuidados especiais na fase final de sua vida.

Dilema ético – Posso, devo e quero?

Ela cita um trecho da palestra do Mário Sérgio Cortella onde ele fala sobre a essência da ética: Posso, devo e quero?

O dilema é quando uma destas perguntas tem um NÃO na frente e tomamos uma decisão.

Julgamento

Um dos maiores problemas que quando fazemos o julgamento de atos que fizemos há 20 anos atrás. Não devemos nos julgar, pois hoje temos uma lucidez que não tínhamos.

Ser ou Ter?

As pessoas buscam TER coisas na vida, mas esquecem de buscar SER a pessoa que viemos para SER na nossa vida.

Rabino Súcia – Você viveu a sua vida?

Ela cita uma história contada na peça teatral “AAIma Imoral” (escrita pelo Rabino Nilton Bonder) sobre o rabino Súcia.

“Por que estás tão irriquieto?”, perguntou o discípulo ao Rabino Súcia, ao vê-lo em seus momentos finais de vida.

“Tenho medo”, respondeu Súcia.

“Medo de quê, rabino?”.

“Medo do Tribunal Celeste”.

“Tu? Um homem tão piedoso, cuja vida foi exemplar? Se tu tens medo, imagine nós, cheios de defeitos e imperfeições.”

Rabino Súcia, então, diz: “Não temo ser inquerido por não ter sido como o profeta Moisés, não deixei um legado de seu porte. Eu posso me defender dizendo que eu não fui como Moisés porque eu não sou Moisés. Nem temo que me cobrem profecias como as de Maimônides, por eu não ter oferecido ao mundo a qualidade de sua obra e seu talento. Eu posso me defender dizendo que eu não fui como Maimônides porque eu não sou Maimônides. O que me apavora neste momento é que me venham indagar: ‘Súcia, por que não foste Súcia?’”.

O que importa no final da vida? (ou NA VIDA?)

Cuidados paliativos dão a oportunidade para que as pessoas possam:

Expressar amor, se sentir amado, agradecer, perdoar, ser perdoado e falar tchau...

5 arrependimentos

Ana Cláudia cita uma enfermeira australiana, chamada Bronnie Ware, que escreveu um livro sobre os 5 arrependimentos que as pessoas tem no seu leito de morte.

1. Queria ter aproveitado a vida do meu jeito e não da forma que os outros queriam

O arrependimento mais comum de todos. Segundo Bronnie, quando as pessoas percebem que sua vida chegou ao fim, fica mais fácil ver quantos sonhos elas deixaram para trás. “A saúde traz uma liberdade que poucos percebem que possuem, até que a perdem”.

2. Queria não ter trabalhado tanto

Bronnie conta que esse desejo era comum a todos os homens que ela atendeu. Eles falam sobre sentir falta de ver as crianças crescendo ou da companhia de sua esposa. Isso não quer dizer que as mulheres não apresentem a mesma queixa – mas como a maior parte das pacientes da enfermeira são de uma geração mais antiga, nem todas precisavam trabalhar para sustentar a família.

3. Queria ter falado mais sobre meus sentimentos

Para viver em paz com outras pessoas, muita gente acaba suprimindo seus próprios sentimentos. De acordo com a enfermeira, alguns de seus pacientes até desenvolveram doenças por carregar esse rancor e esse ressentimento e nunca falar sobre o assunto.

4. Não queria ter perdido contato com meus amigos

“Todos sentem falta dos amigos quando estão morrendo”, afirma Bronnie. Segundo ela, muitas pessoas não percebem que sentem saudades dos amigos até as semanas que precedem sua morte.

5. Queria ter me permitido ser feliz

De acordo com Bronnie, muitas pessoas só percebem no fim que a felicidade é, na verdade, uma questão de escolha. “O medo de mudar fez com que eles fingissem para os outros e para eles mesmos que eles estavam satisfeitos quando, no fundo, tudo o que eles queriam era rir e ter mais momentos alegres”, conclui.

Os 4 acordos

Ela cita o livro 4 Compromissos.

- Seja Impecável com sua palavra
- Não leve nada para o lado pessoal
- Não faça pressuposições
- Sempre faça o seu melhor

Ela termina contando a história de um dos seus pacientes que estava muito tranquilo nos momentos finais de sua vida. Ele conta:

“Tem uma coisa que sei desde que era muito jovem. Tudo vai passar. Os dias bons passam e os dias ruins também. Nenhum dia é tão ruim que dure mais do que 24 horas. O pior dia da sua vida vai virar ontem e o melhor passa. Então aproveite bastante os dias bons e permita-se ser cuidado nos dias ruins...”



XENOBOT: Cientistas descobrem que 'robôs vivos' conseguiram se reproduzir

Xenobots são criados por inteligência artificial e biologia molecular Imagem: Sam Kriegman, UVM

Conhecidos como os primeiros "robôs vivos", os xenobots, agora, são capazes de se reproduzir sozinhos. Segundo a CNN, os cientistas norte-americanos responsáveis pela criação do micro robô desenvolveram uma forma inteiramente nova de reprodução biológica, algo diferente de qualquer processo de animal ou planta que são conhecidos pela ciência.

A pesquisa ocorreu em colaboração entre a Universidade de Vermont, a Tufts University e o Wyss Institute for Biologically Inspired Engineering, da Universidade de Harvard. Segundo os cientistas, os xenobots podem coletar e comprimir células-tronco soltas em pilhas que possuem a capacidade de amadurecer e se tornar descendentes.

"Quando liberamos [as células] do resto do embrião e demos a elas a chance de descobrirem como estar em um novo ambiente, elas não apenas descobriram uma nova maneira de se mover, mas também descobriram, aparentemente, uma nova maneira de se reproduzir", disse Michael Levin, professor de biologia e diretor do Allen Discovery Center da Tufts University, co-autor principal da nova pesquisa.

O QUE SÃO OS XENOBOTS

Os xenobots são formados a partir das células-tronco de um sapo africano (*Xenopus laevis*) e têm menos de um milímetro de largura. Eles foram revelados pela primeira vez no ano passado, após experimentos que mostraram que eles podiam se mover, trabalhar juntos em grupos e até mesmo se curar sozinhos quando aparece alguma falha.

As células-tronco são células que basicamente possuem a capacidade de se transformar em qualquer célula de um organismo. Sendo assim, para fazer os xenobots, os pesquisadores retiraram células-tronco vivas de embriões do sapo e deixaram elas incubadas.

Inicialmente, os pesquisadores descobriram que os xenobots poderiam se replicar - mas a reprodução era muito rara e apenas em condições muito específicas.

Com a ajuda de inteligência artificial, eles testaram várias formas para tornar os xenobots eficazes na reprodução molecular, conhecida como replicação cinética, ao que levou os xenobots ao formato de C, uma figura que inclusive lembra o jogo "Pac-Man". Eles descobriram que, assim, os xenobots poderiam ser capazes de encontrar células-tronco minúsculas em um recipiente, reunir centenas delas dentro de sua boca e, alguns dias depois, o feixe de células se tornaria novos xenobots.

Apesar da descoberta, ainda não há aplicação prática para os xenobots no momento. Entretanto, a combinação de biologia molecular e inteligência artificial pode ser usada em uma série de tarefas, de acordo com os pesquisadores. Isso pode incluir funções como a coleta de microplásticos nos oceanos, transporte direcionado de medicamentos dentro de corpos humanos ou ainda limpar resíduos radioativos.

A pesquisa foi parcialmente financiada pela Defense Advanced Research Projects Agency, uma agência federal que supervisiona o desenvolvimento de tecnologia para uso militar. O estudo foi publicado ontem na revista científica PNAS e foi revisado por pares.

Barbacena, a cidade-manicômio que sobreviveu à morte atroz de 60.000 brasileiros

Maioria dos internos era de alcoólatras, homossexuais, mães solteiras ... suposta escória enviada à cidade mineira, que enfrenta o passado com um Museu da Loucura e uma atenção mental que virou referência



NAIARA GALARRAGA GORTÁZAR

LUIS ALFREDO (AYUNTAMIENTO DE BARBACENA)



Internos do manicômio Colônia em uma fotografia de 1959

Quando João Bosco Siqueira completou 45 anos, seus colegas do corpo militar de bombeiros lhe deram algo de valor inestimável: localizar sua mãe. Aquela desconhecida era a chave das origens para este brasileiro que nasceu em um manicômio e cresceu em um orfanato. Missão cumprida. O abraço que dona Geralda e o filho arrebatado tanto desejavam aconteceu no dia 11 de novembro de 2011 em um quartel diante do olhar emocionado de dezenas de uniformizados. Um ponto final nas vidas de ambos. Geralda tinha 15 anos quando deu à luz no Hospital Colônia de Barbacena, em Minas Gerais, a 500 quilômetros de São Paulo. Seu patrão, um advogado, levou-a até lá para evitar o escândalo depois de estuprá-la e engravidá-la, conta Siqueira em uma entrevista por videochamada. A dor de relembrar o drama é tanta que para várias vezes para conter o choro e tomar ar antes de continuar seu relato. Antes e depois dela, dezenas de milhares de brasileiros foram abandonados em hospícios de Barbacena, que ficou conhecida como a cidade dos loucos.

A maioria dos internos, como Geralda, eram sãos. Eram alcoólatras, sífilíticos, prostitutas, homossexuais, epiléticos, mães solteiras, esposas substituídas por uma amante, inconformistas... supostas escórias sociais que suas famílias ou a polícia enviavam em trens a

CORTESÍA JOÃO BOSCO



João Bosco e sua mãe, Geralda, que era uma adolescente internada no manicômio quando deu à luz. Ambos se encontraram quatro décadas depois

esta cidade de Minas Gerais. Cerca de 60.000 internos morreram de fome, frio ou diarreia durante nove décadas até o fechamento nos anos noventa. Viviam mal, nus, forçados a trabalhar como suposta terapia em pátios na intempérie ou em celas.

A ansiedade que o confinamento da pandemia causou a milhões de pessoas em todo o mundo reacendeu o debate sobre a saúde mental e o estigma que ainda a cerca. Um segredo que ídolos como a ginasta Simone Biles ou a tenista Naomi Osaka ajudam a romper ao falarem de seus problemas mentais.

Barbacena chama atenção porque, em vez de enterrar a infâmia perpetrada em nome da psiquiatria, as autoridades concordaram em olhá-la de frente. Transformaram um dos pavilhões do Colônia no Museu da Loucura, que agora completa 25 anos, aniversário que junto com uma série trouxe o assunto de volta à atualidade. E, em sintonia com o movimento internacional de humanização dos cuidados aos doentes mentais, a partir do ano 2000 empreenderam uma mudança transcendental.

Esta cidade que vivia de hospitais psiquiátricos e do cultivo de rosas substituiu aqueles depósitos indesejáveis por residências terapêuticas. “Até então não havia limite. Entrava todo aquele que aparecia na porta. Começamos a avaliá-los um a um e a maioria não precisava ser internada. As internações caíram de 130 por mês para 30”, explica Flávia Vasques, coordenadora da rede pública de saúde mental desta cidade de 140.000 habitantes, durante entrevista em um ambulatório.

LUIS ALFREDO (AYUNTAMIENTO DE BARBACENA)



Quarto no Hospital Colônia em 1959

O museu é um percurso pelas atrocidades sofridas por milhares de pacientes, algumas em consonância com práticas internacionais. “Escolheram chamá-lo de Museu da Loucura para despertar o interesse do público e por não se referir apenas a uma história local, mas por ser uma referência para analisar o passado, preservá-lo e não repeti-lo”, explica a diretora do museu, Lucimar Pereira, enquanto guia a visita.

Aproveitando o clima de montanha, nasceu como sanatório para ricos, com telefone e talheres de prata, mas em 1903 tornou-se o primeiro manicômio de Minas Gerais, que centralizou em Barbacena o atendimento psiquiátrico neste Estado que tem a mesma área da Espanha.

O Colônia era um manicômio com cemitério, evidência de que curar não era a missão. Durante décadas não houve médicos ou enfermeiras, mas meros guardas. O tratamento era simples: comprimidos azuis ou rosas em função dos sintomas, além de eletrochoques e lobotomia, como mandava então a medicina.

Quando faltou espaço para dormir, os burocratas adotaram uma solução batizada de leito único que recomendaram estender a outros centros: fora com as camas, eliminadas. Sem elas, cabiam mais pacientes. Os internos dormiam amontoados no chão para se aquecer

nas noites frias. Alguns morriam sufocados. Muitas vezes os são enlouqueciam. E nem mesmo depois de mortos tiveram piedade deles. Os cadáveres de mais de 1.800 pacientes foram vendidos para universidades até os anos setenta. O resto era levado em um carrinho até o cemitério para ser jogado em valas comuns. O cemitério ainda está lá, fechado, mas uma placa promete um dia transformá-lo em um memorial que combinará rosas e loucura. Eram alimentados com purês putrefatos porque baniram os talheres —em nome da segurança—, de modo que depois de décadas sem mastigar muitos perderam os dentes.

“Hoje estive em um campo de concentração nazista. Em nenhum

FLÁVIO TAVARES



Algemas usadas para conter os internos, a maioria dos quais não era doente mental

lugar vi algo assim”, declarou depois de visitar o Colônia em 1979 o psiquiatra Franco Basaglia, promotor da reforma dos manicômios na Itália. Jornalistas locais fizeram as primeiras denúncias públicas nas décadas de sessenta e setenta. Suas fotos e relatos causaram espanto, mas logo caíram no esquecimento. A jornalista Daniela Arbex era adulta quando ouviu falar pela primeira vez do atroz episódio da história local. “Fui procurar os sobreviventes. E graças a eles consegui resgatar o que acontecia atrás das paredes”, explica por telefone a autora do livro *Holocausto Brasileiro*, publicado em 2019. Um best-seller que contribuiu para divulgar um horror de que muitos brasileiros nunca ouviram falar. Ela insiste que todos foram cúmplices: os médicos, as famílias, os moradores, a sociedade em geral...

Siqueira conta na cidade onde passa o confinamento com a família que sua mãe, dona Geralda, ainda mora em Barbacena. Eles se viam todo mês até que o coronavírus perturbou tudo. O bombeiro se irrita com o fato de que alguns moradores acreditem que divulgar as atrocidades prejudica a reputação local. Para ele é o melhor antídoto para evitar que ninguém mais seja tratado de maneira tão desumana. “Apesar de ter nascido na barbárie, sou fruto de uma rede de solidariedade”, insiste, referindo-se às freiras e outros adultos dos orfanatos, que o guiaram quando era adolescente e invejava aqueles que recebiam alguma visita.

Bento Marcio da Silva sempre teve família. Mas passou metade de seus 57 anos entrando e saindo de hospitais psiquiátricos, incluindo o Colônia. Fala com naturalidade de sua doença —“sou bipolar”— e da batalha para que os psiquiatras mudassem a medicação que durante 15 anos lhe causou terríveis efeitos colaterais. Ele conta entre risadas que em seus momentos de euforia cantava, cantava, cantava e cantava sem descanso. A resposta? “Eles me amarravam em uma maca, me davam injeções aqui, aqui, aqui e aqui, e me mantinham ali o dia todo. Acabava totalmente encharcado de urina e fluidos. ‘Se me derem Aldol, vou perder o juízo’, lhes dizia, mas insistiam”, conta. Ninguém o escutava então. Durante anos vagou pelas estradas do Brasil para evitar que o encerrassem novamente. “Cheguei a ter uma barba tão longa que me chamavam de Bin Laden”, diz. Uma imagem que contrasta com sua esmerada elegância atual.

Silva mora em uma residência terapêutica que na terça-feira estava em festa porque Zezé, um dos sete pacientes, completava 60 anos. É emocionante ver esses homens abandonados e degradados durante tantos anos concentrados em segurar os talheres para levar à boca

um pedaço de bolo ou um copo de Coca-Cola sem cafeína. No êxtase da alegria, Zezé ri tão alto que desloca a dentadura. Com suas muitas sequelas, parecem imensamente felizes enquanto cantam “parabéns para você”. Não têm mais medo dos desconhecidos nem de sair na rua. E os moradores da cidade também não os temem, explica Leandra Melo Vidal, coordenadora das 27 residências espalhadas por Barbacena, que conhece detalhadamente as histórias de cada um. Eles a adoram.

Alguns dos sobreviventes são muito dependentes, mas a mudança experimentada por outros é impressionante. “Com a reabilitação, foram recuperando capacidades humanas como escolher”, decidir

FLÁVIO TAVARES



O tratamento consistia em comprimidos rosas ou azuis em função dos sintomas, lobotomias ou eletrochoques sem anestesia. Hoje alguns destes utensílios estão expostos no Museu da Loucura

quando tomar banho ou que roupa vestir. Foi difícil para eles abandonar as rotinas dos anos intramuros ou assumir que podiam acumular pertences, comer à vontade. No início, os terapeutas acreditaram que alguns eram mudos porque ficaram sem pronunciar uma palavra durante 50 anos —“talvez para se proteger”, arrisca Vidal—, até que um dia recuperaram a fala.

Mediante programas financiados pelo sistema de saúde pública, deixaram para trás uma vida em hospitais psiquiátricos desumanos para viverem a velhice juntos e com dignidade. Existem legalmente, recebem uma pensão. O processo de esvaziamento dos hospitais continua. Os 85 pacientes crônicos que ainda estão internados serão distribuídos pelos municípios vizinhos devido à saturação de Barbacena.

Quando Geralda tinha quinze anos e protestava desconsolada que seu bebê havia sido roubado, era tratada com eletrochoques. “Chorar e protestar não vai adiantar nada, você não vai voltar a vê-lo”, avisaram-na então. O bombeiro Siqueira, que lhe deu dois netos, fica feliz por ela não ter feridas mais graves: “Deus foi generoso com a minha mãe, que é uma mulher simples, porque se ela tivesse consciência da violência que sofreu teria enlouquecido”.

FLÁVIO TAVARES



Bento Marcio da Silva, à esquerda, e Zezé na festa de 60 anos do segundo na residência terapêutica de Barbacena, em que ambos vivem. Antes estiveram internados em hospitais psiquiátricos durante muitos anos

FAZENDA SÃO MIGUEL

A Fazenda São Miguel na aplicação de Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis) foi, segundo a oralidade, construída pós-meados do século XVIII por um padre, provavelmente o Pe. Miguel Ribeiro da Silva (ver box – Pe. Miguel Ribeiro da Silva). Há duas versões conhecidas sobre e/ou para quem o sacerdote, sem herdeiros diretos, teria deixado a propriedade como herança. Uma delas – de cunho familiar (encarte divulgado pela família do sr. José Geraldo dos Santos “Juquinha do Vau”) - diz que o padre teria deixado (a propriedade) para uma sobrinha de nome Iria, casada com José Ferreira da Silva. Este, em 12-04-1820 teria requerido licença para construção de uma ermida junto à sede da fazenda⁽¹⁾ conforme documento pertencente ao Arquivo Nacional. Outra versão (documentada) contudo, afirma que o proprietário Pe. Miguel Ribeiro da Silva doou a fazenda para D^a Floriana Eufrásia da Silva⁽²⁾ mãe solteira de duas filhas - Iria Jesuína da Conceição (°1813) e Maria Micaela de Jesus (+ 1861) - que viriam a se casar, respectivamente, com o Cap. Flávio José da Silva e o Cap. José Justino da Silva. Há que se frisar que Pe. Miguel Ribeiro da Silva fez seu testamento aos 14-12-1822, falecendo aos 04-10-1825 (Cx.129, fls. 122 – 1825 – MRSJDR), deixando como testamentários em 1º lugar D^a Floriana Eufrásia da Silva e Flávio José da Silva. Portanto, até a data de seu falecimento (1825) era/fora ele o proprietário incontestado da Fazenda São Miguel⁽³⁾. Pe. Miguel Ribeiro instituiu D^a Floriana Eufrásia como sua herdeira universal de seus bens “isto como remuneração dos serviços que (lhe tinha) prestado e para satisfação dos salários de seus escravos e de sua pessoa que tem governado (sua) casa e tratando-o em todas as (suas) enfermidades”.

Ambas as versões são convergentes ao afirmar que a posse da propriedade passou ao Cap. Flávio José da Silva, genro de D^a Floriana Eufrásia da Silva, quando do falecimento desta em 1846⁽⁴⁾ o que se acha igualmente documentado. Assim, aos 22-01-1856, quando do registro de terras junto à paróquia de Santa Rita do Rio Abaixo – em cumprimento ao Decreto Imperial nº 1318 de 1854 – o Cap. Flávio declarou a posse da Fazenda São Miguel com 331 alqueires de terras herdadas de sua sogra (documentos que hoje compõem o Arquivo Público Mineiro). Quando o Cap. Flávio recebeu a fazenda São Miguel de herança, conforme inventário de sua sogra D^a Floriana Eufrásia, a propriedade fora quantificada/discriminada com 102 alqueires de culturas e 229 alqueires de campos.⁽⁵⁾

“...fazendas como a do Mato Dentro e São Miguel, mesmo surgindo no ‘auge da mineração’, parecem ter sido construídas em pontos avançados de povoamento em meados do século XVIII, onde (...) tiveram como principal atividade a produção agropecuária” (Isaac Cassimiro Ribeiro – “Família e povoamento na Comarca do Rio das Mortes: os “Ribeiro da Silva” – Fronteiras, Fortunas e Fazendas (Minas Gerais, séculos XVIII e XIX” UFSJ, 2014, p. 156). Registre-se que a Fazenda do Mato Dentro era propriedade do Alf. Luiz Ribeiro da Silva (+ 1817) irmão de Pe. Miguel Ribeiro da Silva, sendo consideradas “fazendas irmãs”.

A pesquisadora Amanda Cardoso Reis em sua monografia “Trajetória do enriquecimento das elites na segunda metade do século XIX – o arraial da Lage – 1862-1871” (UFSJ, p. 13) esclarece que o Cap. Flávio José da Silva era detentor de uma das maiores fortunas da região com cerca de 30 cativos em diversas idades (entre 02 e 60 anos). Em seu inventário (1866-Cx. 322 – Iphan/SJDR) acha-se descrito: “As casas de vivenda nesta fazenda de São Miguel com diversas casas de queijos, senzalas, ranchos, tenda de ferreiro, paiol, moinho todo coberto de telha, currais e quintal com arvoredos todo cercado de pedra, engenho de pilões e de cana com cilindro e todo o mais macame, incluindo dois alambiques, quatro tachos, duas pipas, um parol, quatro caixões, sessenta e duas formas ordinárias, caixas e todos os mais pertences “além de roças de milho e arrozal, avaliado(s) em 6:000\$000. Foram listados ainda 6 burros, 7 bestas, 4 cavalos, 10 éguas com crias, 63 cabeças de gado entre novilhas, bezerros e vacas.

Prossegue a conceituada autora: “É importante também destacar que o Capitão Flávio José da Silva era morador da fazenda São Miguel na freguesia da Lage e deixou como inventariante sua esposa Iria Jesuína da Conceição com quem teve 11 filhos. O Capitão também era proprietário de terras na fazenda dos Pinheiros, Pinhão⁽⁶⁾. Restinga, Grotta do Penedo, Capoeira do Mel, Fazenda do Retiro e outros quinhões menores que circundavam o arraial da Lage. Também era proprietário de casa no arraial de Santa Rita com quintal cercado por pedras que equivaliam a 300\$000 registrados em seus bens de raiz” (op. cit. p. 13).

“O Capitão Flávio José da Silva também comprou quatro alqueires na fazenda da Restinga, antes propriedade de Francisco Ribeiro, avaliados em 80\$000; também consta em seu inventário a compra de sorte de terras de cultura na Grotta do Penedo avaliada em 900\$000” (Amanda Cardoso Reis – “Reconfigurações de riqueza no distrito da Lage: elites escravistas 1862-1875” apresentação no XII Congresso Brasileiro de História Econômica, dias 28 a 30/08/2017, Niterói/RJ).

A fazenda, por sua vez, seria herdada por Francisco José da Silva, o 8º dentre os 11 filhos do casal Cap. Flávio José da Silva e D^a Iria Jesuína da Conceição⁽⁷⁾. Francisco José da Silva, mais conhecido como “Chico do São Miguel”, casou-se com sua sobrinha Maria Inês Rodrigues da Silva (“Mãe Inês”, como era mais conhecida), filha de sua irmã Maria Inês da Silva c/c Severiano José Rodrigues. O casal Francisco José da Silva/Maria Inês Rodrigues teve os seguintes filhos: I – Flávio Farnese da Silva c/c Maria Gabriela; II – Ciro José da Silva c/c Isaltina Oliveira Silva; III - Francisco Sales da Silva (“Sô Sales”) c/c Maria da Conceição Silva, que, por sua vez, viriam herdar a fazenda: IV – Maria Loreto Silva c/c Francisco Mendes de Resende; V – Agripino José da Silva c/c Messias Augusta de Resende⁽⁸⁾.

Francisco Sales da Silva (“Sô Sales”) e Maria da Conceição Silva, herdeiros da Fazenda São Miguel, tiveram 3 filhos: I – José Geraldo da Silva (“Zé Sales”) c/c Terezinha M. Silva (a filha única do casal, Regina Maria, falecida em criança, deno-

minação de rua na área central de São Tiago); II – Maria José Silva Lara c/c Antonio Lara Filho (“Totonho Lara”) – filhos Mauricio, Nely, Clóvis. Sebastião, José, Elzi, Ana; III – Maria Loreto Silva Santos (“Lora”) c/c José Geraldo dos Santos (“Juquinha do Vau”) – filhos: José Aldo (que foi deputado federal, falecido em 1994), José Alberto (estes dois primeiros nascidos em São Tiago e os demais em Oliveira), José Geraldo, Maria Lúcia, Maria Helena (gêmeas), José Orlando, José Francisco, José Arcanjo, José Raimundo, José Luiz, Arquimedes, Domingos, Romanelli (os 3 últimos, adotivos) (Informações da Sra. Ana Maria Resende).

NOTAS

(1) *A Fazenda São Miguel, no termo de Santa Rita do Rio Abaixo (Ritópolis), provavelmente provenha de concessão de sesmarias. Em 02-10-1793, por despacho do gov. Luiz Antonio Furtado de Mendonça, visconde e 1º conde de Barbacena, acatava pedido nesse sentido – “Requerimento dos padres Miguel Ribeiro da Silva e Barnabé Ribeiro da Silva referente a carta de sesmaria de uma fazenda na Aplicação de Santa Rita do Rio Abaixo, vila de São José do Rio das Mortes – APM SG-Cx.25, doc.22) e ainda de 17-04-1795 “Requerimento dos padres Barnabé Ribeiro da Silva e Miguel Ribeiro da Silva de prorrogação de tempo para medirem a sesmaria que possuem localizada no Rio do Peixe na Aplicação da Capela de Santa Rita do Rio Abaixo, termo da vila de São José do Rio das Mortes, devido a impedimentos que tiveram – APM SG-Cx.28, doc.14).*

Há inúmeros registros de ofícios e ritos religiosos realizados na ermida (capela) da Fazenda São Miguel. Assim o casamento, aos 14-06-1802, de José Antonio dos Santos, fº de José Álvares Gomes e Tereza de Souza, com Joaquina Maria de Jesus, fª do Cap. Francisco Ribeiro de Jesus e Dionizina Soares (Projeto Compartilhar – “Os Ribeiro da Silva de São Gonçalo do Brumado”).

Livro de Casamentos nº 24, fls. 102v – casamento de Manoel Joaquim de Oliveira e Maria Joaquina aos 11-08-1796 (AED-SJDR).

(2) *D^a Floriana Eufrásia da Silva, falecida com testamento em 1846, nomeou como herdeiras universais suas filhas Iria Jesuína da Conceição c/c Cap. Flávio José da Silva e Maria Micaela de Jesus c/c Cap. José Justino da Silva. Os vastos bens deixados por D^a Floriana Eufrásia incluíam as Fazendas São Miguel e Pombal, com suas terras, moradas de casas, engenhos, banguês, além de casa no arraial de São Tiago e foram partilhados amigavelmente entre os herdeiros – valor líquido de 26:897\$220, cabendo a cada herdeiro 13:448\$610 (1846 – Testamento/Inventário - Cx. 396 – MRSJDR).*

Capitão Flávio e Capitão José Justino foram expostos em casa de Pe. Miguel Ribeiro, aos quais ele deixou legados, sendo ambos os irmãos, provavelmente ali criados por D^a Floriana, porquanto, segundo o testamento de Pe. Miguel, era ela (D^a Floriana) a administradora da casa. Viviam com Pe. Miguel e D^a Floriana suas duas filhas Iria e Maria. (Testamento de Pe. Miguel Ribeiro da Silva – 1822 – Cx. 129 – AHET II Iphan/SJDR).

Historiadores e ainda a oralidade aventam a possibilidade de as duas filhas de D^a Floriana Eufrásia serem filhas de Pe. Miguel Ribeiro da Silva (era comuníssimo sacerdotes se envolverem em relações concubinas); este, ao transmitir à mãe todo o seu legado patrimonial, garanti(r)ia de forma velada que suas filhas herdassem seus bens por ele amealhados em vida.

“Intrigante é o fato de Padre Miguel não ter feito referência às duas filhas de D^a Floriana em seu testamento, a omissão por sua parte e as lacunas das fontes dão brechas para algumas suposições (...). Seriam as duas filhas naturais de D^a Eufrásia também filhas do padre? A omissão dos nomes das filhas, quando elas certamente residiam junto ao padre e a mãe e a transmissão de todo seu legado a Dona Eufrásia seria uma forma vedada de garantir que suas possíveis filhas herdassem os bens que ele havia amealhado durante a vida” (Isaac Cassemiro Ribeiro – “Família e Povoamento na Comarca do Rio das Mortes: os “Ribeiro da Silva” – fronteiras, fortunas e fazendas (Minas Gerais, séculos XVII e XVIII” UFSJ, 2014, p. 67).

A Fazenda São Miguel, herdada da sogra D^a Floriana Eufrásia da Silva (1846) foi calculada em 102 alqueires de cultura (avaliados em trinta e quatro mil réis cada) e 229 alqueires de campos (avaliados em vinte e dois mil réis cada), importando em 8:506\$000, além de roças de milho calculadas em 48 carros por 768\$000 e arrozal de 80 alqueires calculado em 40\$000.

D^a Floriana Eufrásia deixou como testamentários em 1º lugar o Cap. Flávio José da Silva e em 2º o Cap. José Justino da Silva e em 3º o Ten. Cel. Francisco Mendes de Almeida (os dois primeiros seus genros). “Declaro que sou natural da freguesia de São João Del-Rei, exposta ao falecido Padre Barnabé Ribeiro da Silva, solteira e neste estado sempre vivi até o presente e por fragilidade tive duas filhas, uma por nome Iria que se acha casada com o meu afilhado Flávio José da Silva e Maria, que se acha casada com José Justino da Silva e como tais reconheço e são minhas únicas e universais herdeiras” (Testamento e inventário de D^a Floriana Eufrásia da Silva – 1846 – Cx. 396 – MRSJDR).

(3) *“Dizem os padres Miguel Ribeiro da Silva e Barnabé Ribeiro da Silva, moradores na comarca do Rio das Mortes, que eles são senhores possuidores de uma fazenda de terras de cultura que compraram a Domingos Maria de Jesus no ribeirão fundo, da aplicação de Santa Rita do termo da vila de São José, cujas terras partem, por um lado, com terras de João Cardoso Osório, José Jorge dos Santos, pelas mais com quem deve e haja de partir e pelos fundos do ribeirão chamado o Rio do Peixe e porque, na forma das ordens régias, ninguém pode possuir terras sem título legítimo de sesmaria (...) querem os suplicantes, que dentro das confrontações mencionadas, se lhes conceda por sesmaria de meia légua de terras em que (...) preenchendo-se por qualquer dos lados o que faltar em algum dos termos, visto que os suplicantes precisam de terras para a cultura e sustentação de sua fábrica que é numerosa” (APM – Requerimento dos padres Miguel Ribeiro da Silva e Barnabé Ribeiro da Silva referente a carta de sesmaria de uma fazenda na aplicação de Santa Rita, vila de São José, comarca do Rio das Mortes – 02-10-1793 – Notação SG, Cx. 25, doc.22). A sesmaria, pelas confrontações mencionadas, é seguramente a Fazenda São Miguel. Fábrica, no linguajar colonial, era o coletivo para escravos.*

(4) *No censo 1831 de Santa Rita do Rio Abaixo – listas nominativas (APM) – D^a Floriana Eufrásia da Silva é recenseada como chefe do fogo de nº 86, com 55 anos,*

solteira, vivendo da lavoura; José Marcelino, 26 anos, solteiro, feitor e 40 cativos; Flávio José da Silva com 27 anos e Iria Jesuína da Conceição com 18 anos, casados – ele lavrador e ela costureira – possuindo 4 cativos.

“O Capitão Flávio (José da Silva) juntamente com sua esposa Dona Iria Jesuína da Conceição herdaram a fazenda São Miguel em 08 de junho de 1846, localizada no distrito de São Tiago, comarca do Rio das Mortes. A fazenda foi deixada ao jovem casal em função do falecimento de Dona Floriana Eufrásia da Silva, senhora de grandes posses e de consolidada fortuna, além de inesgotável prestígio social em São Tiago e região na primeira metade do século XIX (...) Dona Floriana Eufrásia, embora não fosse casada, teve duas filhas: Dona Iria Jesuína da Conceição casada com o Capitão Flávio José da Silva, herdeiros da fazenda São Miguel e Maria Micaela de Jesus casada com o também capitão da Guarda Nacional José Justino da Silva, herdeiros da fazenda do Pombal e irmão do Capitão Flávio” (Amanda Cardoso Reis – “Trajetórias de enriquecimento nos últimos anos da escravidão: o distrito da Lage – 1862-1871” UFSJ, 2017, pp. 33/37.

(5) Bens arrolados no inventário de D^a Floriana Eufrásia da Silva – avaliados em 26:897\$220 (valores líquidos), devidamente divididos/meados, de forma amigável, entre os dois genros e respectivas cônjuges, cabendo a cada um 13:448\$610 (1846 – Testamento e inventário de Floriana Eufrásia da Silva – Cx. 396 – MRSJDR).

(6) A sorte de terras na Fazenda do Pinhão foi comprada pelo Cap. Flávio José da Silva em parceria com seus genros Aureliano e Severiano José Rodrigues e o Cap. Joaquim Tomáz da Costa Gonçalves, no valor considerável de 1:207\$000, um dos itens mais bem avaliados no inventário do Cap. Flávio, comprovando a alta condição econômica do inventariado.

(7) Filhos do casal Cap. Flávio José da Silva (1804-1866) e Iria Jesuína da Conceição (1813-...): I – Maria Inês da Silva c/c Severiano José Rodrigues; II – Lena Cândida da Silva c/c Aureliano José Rodrigues; III – Flávio José da Silva c/c D^a Camila Silva; IV – Cândida c/c José Gomes Carneiro; V – Adelaide c/c Antonio Rodrigues de Almeida; VI – Miguel Arcanjo da Silva c/c D^a Bárbara; VII – Jesuína Cândida da Silva c/c Pedro Esteves dos Santos; VIII – Francisco José da Silva com 16 anos em 1866; IX – Belisário José da Silva com 14 anos em 1866; X – Maria da Natividade, 12 anos; XI – Sabino José da Silva com 10 anos.

Obs. Pedro Esteves dos Santos com 18 anos em 1861, filho de André Esteves dos Santos e Teresa Emidia de Jesus Alvim (Projeto Compartilhar – André Esteves dos Santos).

(8) Antonio de Lara Resende em suas “Memórias I – do Belo Vale ao Caraca” faz referências ao “casório de Agripino” ocorrido em 1914. “Nas imediações da Restinga está a fazendinha denominada Retiro do Jacu, onde, no decurso de 1914, assisti a um baile por ocasião do casório de Agripino” (p. 148).

PE. MIGUEL RIBEIRO DA SILVA

Natural e batizado na capela de São Gonçalo do Brumado (Caburu) aos 19/05/1746. Foi o sétimo filho do casal Alferes Antonio Ribeiro da Silva (1695-18/12/1776) e Antonia Maria de Almeida (1714-08/06/1774) e o segundo da família a se ordenar padre. Foi capelão no arraial de Nossa Senhora de Oliveira entre 1780 e 1795, oportunidade em que iniciou a construção de nova e maior capela. Dali se afastaria por certo período por atritos ou pressão do mestre de campo Inácio Pamplona, reassumindo, porém, as funções por exigências da população. Em 1796, retorna à sua região de origem, constando como proprietário da Fazenda São Miguel em Santa Rita do Rio Abaixo (Ritápolis).

Muito provavelmente, Pe. Miguel tenha fundado a fazenda São Miguel ou dela tenha sido proprietário durante grande parte de sua vida, o que, em si, justificaria a denominação da propriedade. Tratava-se de fazenda, como tantas outras da região, ligada à produção agrícola, geralmente de gêneros alimentícios para o abastecimento interno. Muito comum, à época, o envolvimento de sacerdotes com atividades econômicas, tema largamente apontado pelos viajantes estrangeiros e ainda por estudiosos de nossa história como João Camilo O. Torres, Luiz Carlos Villalta, Marcela Soares Milagre, Edriana Aparecida Nolasco etc.

Falecido aos 04-10-1825, aos 79 anos, com testamento (1825 – Cx. 129 – Iphan/SJDR), aberto na Aplicação de Santa Rita (Ritápolis) aos 04-10-1825, onde declarou não possuir nenhum herdeiro direto, tendo já falecidos os pais, nomeando D^a Floriana Eufrásia da Silva (1776- 1846) como 1^a testamenteira e herdeira universal de seus bens “como remuneração dos serviços que me tem prestado e para satisfação dos salários de seus escravos e de sua pessoa que tem governado a minha casa e tratando-me em todas as minhas enfermidades”

D^a Floriana Eufrásia havia sido exposta, desde o nascimento, na casa do Pe. Barnabé Ribeiro da Silva (1750-1822), irmão de Pe. Miguel e pelo citado Pe. Barnabé criada, como era praxe, então, entre as famílias de posses. Na casa de Pe. Miguel Ribeiro de Almeida havia igualmente vários expostos, dentre eles Flávio José da Silva (a quem Pe. Miguel deixou testamentariamente 100\$000), Manoel Justino da Silva, José Marcelino e ainda duas expostas Bábina e Flassilla (as quais o padre deixou, a cada uma, 50\$000). Deduz-se, pois, que tanto Flávio José da Silva quanto José Marcelino foram criados por D^a Floriana Eufrásia em casa de Pe. Miguel, da qual ela D^a Floriana era administradora/zeladora.

Além de D^a Floriana “unida em um corpo com Flávio José da Silva”, Pe. Miguel nomeou como 2^o testamenteiro(s) a Manoel Justino da Silva e em 3^o lugar a Manoel Coelho dos Santos (1822/1825 – Testamento/Inventário – Pe. Miguel Ribeiro da Silva – Cx. 129 – MRSJDR)

D^a Floriana Eufrásia, embora solteira, declarou em seu testamento ter duas filhas (“por fragilidade humana”, assim afirmou), das quais Iria Jesuína se casaria com o Cap. Flávio José da Silva e a outra Maria Micaela casou-se com o Cap. José

Justino da Silva, irmão este, por sua vez, do Cap. Flávio. A estes, o Cap. Flávio José da Silva (1804-1866) e o Cap. José Justino da Silva⁽¹⁾, D^a Floriana Eufrásia nomeou como testamenteiros e como herdeiras universais suas filhas, casadas com os respectivos testamenteiros-genros.

Ressalte-se que o único vínculo familiar que ligava Pe. Miguel Ribeiro a D^a Floriana Eufrásia era o fato desta ter sido exposta na casa de Pe. Barnabé, irmão de Pe. Miguel, tornando-se motivo de fundas interrogações o fato de ter Pe. Miguel designado como testamenteira e herdeira universal de seus vastos bens. Ao falecer em 1846, com cerca de 70 anos, D^a Floriana Eufrásia da Silva era uma riquíssima fazendeira, proprietária da Fazenda São Miguel com moradia de casas e ermida e ainda da Fazenda Pombal e de outros bens de raiz como casas no arraial de São Tiago. Os testamenteiros encontraram empecilhos ao realizar o inventário de bens de sua sogra, sendo necessário comprovar, mediante testemunhas, que as suas esposas eram filhas de D^a Floriana Eufrásia. Para resolver o imbróglio, tiveram os testamenteiros que nomear procuradores na vila de São João Del-Rei. Os testamenteiros se apresentaram, ademais, como José Justino da Silva (capitão da Guarda Nacional) e Flávio José da Silva (cavaleiro da Ordem da Rosa e capitão da Guarda Nacional)⁽²⁾ patentes e títulos que lhes atestavam a alta posição e influência social em seu tempo, facilitando, decerto, os trâmites legais.

Pe. Miguel Ribeiro da Silva contava com grande prestígio social e familiar, sendo inventariante de seus irmãos o Pe. Dâmaso Ribeiro da Silva (1785 – Cx. 246 – MRSJDR) e Inácio Ribeiro da Silva (1815 – Cx. 441 – MRSJDR).

Foi afastado da capelania de Oliveira por exigência do Mestre de Campo Inácio Pamplona, provocando indignação dos moradores, pois o seu substituto Pe. Manoel Pacheco Lopes “não primava pela virtude” (Waldemar de Almeida Barbosa – Dicionário Histórico e Geográfico de Minas Gerais” BH/RJ, Itatiaia, 1995, p. 227).

“No povoado de Nossa Senhora de Oliveira encontrava-se o Padre Miguel Ribeiro da Silva, benquista do povo e construía a capela local. Em 1780, padre (Carlos) Toledo, então vigário de São José do Rio das Mortes (Tiradentes) nomeou um protegido de (Inácio) Pamplona para a função de capelão, o padre Manoel Pacheco Lopes e para o descontentamento do povo, a obra da capela foi interrompida. Trocou-se um sacerdote de virtudes por um padre devasso que humilhou o povo e encobriu seus crimes” (Antonio de Paiva Moura – “Campos das Vertentes: origens” www.asminasgerais.com.br/?item=conteudo&contConteudoraiz=87, acesso em 21-06-2019).

NOTAS

(1) Além da Fazenda do Pombal, na freguesia da Lage, o Cap. José Justino da Silva e s/m Maria Micaela de Jesus, falecida em 1860, tinham casa no arraial de São Tiago, com quintal e “plantação de café” avaliada em 500\$000. Casa situada onde é hoje a Sede Social Santiaguense (Inventário de Maria Micaela de Jesus – 1860 – Cx. 122 – Iphan/SJDR) O Cap. José Justino da Silva, por sua vez, faleceria em 1861 (Inventário – Cx. 403 – Iphan/SJDR).

Fonte: Paula Chaves Teixeira Pinto - “De Minas para a Corte: da Corte para Minas – movimentações familiares e trocas mercantis c.1790 c.1880).

(2) O Cap. Flávio José da Silva (1804-1866), cavaleiro da Ordem da Rosa e capitão da Guarda Nacional, era pessoa do mais alto conceito social e comprovada influência em seu tempo, conforme pode-se deduzir de vários registros da época:

- Testemunha de casamento aos 05-10-1864 na matriz de Santa Rita (Ritápolis) – casamento de Aureliano José Rodrigues da Silva, provavelmente seu neto, e Ana Cândida de Souza (Projeto Compartilhar – Francisco José de Souza).
- Testemunha de casamento aos 18-11-1844 na capela de São Tiago – casamento de Manoel Machado de Miranda e Joana Vicência de São José (ela filha do cirurgião-mor Tomás da Silva Fraga e Francisca de Paula Fortunata de Rezende) (Projeto Compartilhar – João Francisco da Silva).
- Testemunha de casamento aos 24-01-1838 na capela de São Tiago – casamento de Joaquim Gaudêncio de Souza e Bárbara Cândida do Amor Divino (Projeto Compartilhar – João Gonçalves de Mello) Joaquim Gaudêncio de Souza era irmão do famoso sertanista Patrício Lopes de Souza.
- Louvado tendo atuado em grandes e rumorosos processos de divisões de terras, dentre eles o inventário de Pe. José Manoel da rosa Ribeiro (Fazenda das Gamelas) que perdurou de 1826 a 1848.

FAMÍLIA DO SÔ SALES

Filhos do casal Francisco José da Silva (“Chico do São Miguel”) e Maria Inês Rodrigues da Silva

I – Flávio Farnese da Silva casado com Maria Gabriela

II – Ciro José da Silva casado com Isaltina Silva

III – Francisco Sales da Silva casado com Maria da Conceição Silva (herdeiros da Fazenda São Miguel)

IV – Maria Loreto da Silva casada com Francisco Mendes de Resende

V – Agripino José da Silva casado com Messias Augusta de Resende

O casal Francisco Sales da Silva (“Sô Sales”) e Maria da Conceição Silva teve os filhos:

I – José Geraldo da Silva (“José Sales”) casado com Terezinha M. da Silva

II – Maria José da Silva Lara casada com Antonio Lara Filho (“Totonho Lara”)

III – Maria Loreto da Silva (“Lora”) casada com José Geraldo dos Santos (“Juquinha do Vau”).



A história do fazendeiro chinês

POR RODRIGO FERNANDO PEREIRA

A forma como encaramos o nosso passado pode ser um fardo para a vida atual. Isso acontece especialmente quando damos valor demais àquilo que acreditamos terem sido escolhas erradas, oportunidades perdidas ou decisões equivocadas. Nossa tendência é imaginar que, se tivéssemos feito as escolhas “certas”, hoje estaríamos vivendo uma vida feliz, e se não estamos, é porque não soubemos agir corretamente, como se o curso das nossas vidas dependesse totalmente de nós mesmos.

Esse tipo de pensamento acaba nos deprimindo. Pois é impossível ganhar quando comparamos a realidade com uma idealização imaginária. A comparação, por si só, provavelmente nos faz mal, mas quando não conseguimos aceitar nossa história e a enxergamos como um acumulado de erros, nos sentimos ainda piores. Além disso, quando ficamos presos no passado dessa forma, acreditamos que nosso tempo já passou, que não temos mais jeito, que não há mais nada a ser feito hoje. Consequentemente, ficamos paralisados e não conseguimos mudar no presente, nos condenando a uma vida lamentando por aquilo que acreditamos que poderia ter sido.

Encarar o passado dessa forma é mais do que contraproducente, é também simplesmente irreal. Essa vida ideal que imaginamos caso tivéssemos feito as coisas “certas” não existe, pois não temos como saber o que teria sido. Cada decisão que tomamos é somente uma variável numa teia incrivelmente complexa de possibilidades, e é impossível saber quais as reais consequências de cada atitude no curso de nossa vida. Para ilustrar isso, podemos lembrar uma história folclórica:

“

Era uma vez um fazendeiro chinês. Um dia, um de seus cavalos fugiu. Seus vizinhos vieram até ele, comentando como aquele acontecimento era um infortúnio. O fazendeiro respondeu: “pode ser”.

No dia seguinte, o cavalo que fugiu voltou, trazendo com ele sete cavalos selvagens. Os vizinhos apareceram novamente, dizendo que isso era uma grande sorte. O fazendeiro respondeu: “pode ser”.

Depois disso, o filho do fazendeiro tentou domar um dos cavalos selvagens e caiu, quebrando uma perna. Os vizinhos vieram lamentar o ocorrido, dizendo que aquilo era muito ruim. O fazendeiro respondeu: “pode ser”.

No dia seguinte, oficiais do exército que estava recrutando soldados apareceram, mas não levaram o filho do fazendeiro por conta da sua perna quebrada. Os vizinhos vieram ao fazendeiro falando sobre como aquilo era ótimo, e ele respondeu: “pode ser”.

Essa história nos faz perceber que não podemos classificar os acontecimentos como bons ou ruins, simplesmente porque não sabemos os desdobramentos de cada situação. Por mais angustiante que possa parecer, o fato é que não temos controle sobre o que irá acontecer conosco e nem mesmo sobre o resultado das nossas ações, especialmente a longo prazo. Não faz sentido, então, comparar nossa história com uma outra história ideal, pois esta simplesmente não existe.

Nos resta apenas entender que nossa história é única e aquilo que chamamos de “erro” é apenas uma avaliação muito rasa das nossas atitudes passadas. Podemos, em vez disso, ser humildes o suficiente para entender que não estamos no comando do universo e escolher valores que guiem nossas ações em vez de voltá-las para resultados que não dependem apenas de nós.